



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



João Batista Gomes
Nova Castro



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Nova Castro

João Batista Gomes

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1830.

Livro Digital nº 868 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

João Batista Gomes Júnior

(?)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

NOVA CASTRO
TRAGÉDIA COM A BRILHANTE CENA DA COROAÇÃO



ATORES:

D. AFONSO IV (Rei de Portugal)
D. PEDRO (Príncipe)
D. INÊS DE CASTRO
D. SANCHO (Mestre do Príncipe)
COELHO (Conselheiro)
PACHECO (Conselheiro)
D. NUNO (camarista do Rei)
O EMBAIXADOR DE CASTELA
ELVIRA (aia de D. Inês)
DOIS MENINOS (filhos de D. Pedro e D. Inês)

A cena é em Coimbra, numa Sala do Palácio, em que reside D. Inês. A ação começa ao romper do dia.

ATO I

CENA I

Inês e Elvira.

INÊS (*entra na cena delirante e horrorizada. Assenta-se desfalecida*)
Sombra implacável! Pavoroso Espectro!
Não me persigas mais... Constança! Eu morro.

ELVIRA
Que aflição!... Que delírio!... Oh Deus!
Senhora...

INÊS (*ainda fora de si e atemorizada*)

Onde está... onde está o meu Esposo?...

ELVIRA

O Príncipe, Senhora, inda repousa,
Tudo jaz em silêncio: tu somente,
Negando-te ao sossego, atribulada,
Neste Paço, ululando, errante vagas?
Que dor acerba o coração te rasga?
Que sonhadas visões assim te anseiam?

INÊS

Contra Inês se conspira o Céu, e a Terra.
Até das campas os mortos se levantam
Para me flagelar: continuamente
Negros fantasmas ante mim volteiam...
Que horror!... Oh Céus!... Agora mesmo, Elvira,
Debuxados na mente inda diviso
Os medonhos espectros, que, girando
Em torno de mim, me assombraram...
Surgir vejo Constança do sepulcro,
Que em fúrias abrasada a mim caminha...
Relâmpagos fuzilam, treme a terra...
Eis que lá dos abismos arrojados
Ímpios Ministros da feroz vingança
No peito agudos ferros vêm cravar-me:
Debalde agonizante o Esposo invoco...
Proferido por mim seu doce nome
Exacerba os furores de Constança,
Que à morada dos mortos me arremessa.
Oh do crime funestas consequências!...
Desgraçados mortais! (*Levantando-se*)

ELVIRA

E pode um sonho...

INÊS

Não é um sonho, Elvira, são remorsos.

ELVIRA

Devem eles acaso inda ralar-te?
Não bastou Himeneu a sufocá-los?
Ah! Se antes que os seus laços te cingissem,
Sucumbiste do amor à paixão cega,
Assaz tens expiado este delito,
Delito mais que todos desculpável.

INÊS uma alma como a minha jamais julga
Ter assaz expiado seus delitos:
Embora de Himeneu os sacros laços
Agora o meu amor lícito fação,
Este amor foi no crime começado.
Mirrada de pesares, sim, foi ele,
Quem despenhou Constança no sepulcro,
Constança, essa Princesa desgraçada,
Que, a não ser eu, talvez fosse ditosa,
Talvez, do Esposo amada, inda vivesse;
Eu fui a origem dos seus males todos;
Traí sua amizade, fui-lhe ingrata,
Sua rival, oh Céus! assassinei-a.
Oh crime involuntário! Horrendo crime!
Tuas iras são justas, sim, Constança;
Arrasta-me contigo à sepultura,
Acaba de punir-me, e de vingar-te...
Mas ah! Que digo!... Não... poupa-me a vida,
Nela a vida do Príncipe se interessa:
Tu não hás de querer envenenar-lhe:
A morte não, não pode certamente
A paixão extinguir de que morreste;
Mesmo lá do sepulcro inda o adoras...
E talvez compassiva me desculpes.
Quem melhor do que tu conhecer deve,
Que aos afetos de Pedro, aos seus extremos
Humanas forças resistir não podem?
Se tu, sem ser amada, tanto o amaste,

Deixaria eu de amá-lo sendo amada?
Sabe o Céu quanto tempo em viva guerra,
Contra o meu coração lutei de balde:
Quantas vezes chamando em meu socorro
A virtude, e a razão... auxílio inútil!
Emudece a razão quando amor fala.
Triunfar de paixões iguais à minha...
Os míseros mortais não podem tanto...
Que profiro infeliz? Até blasfemo!...
Perdoa, Sumo Deus, ao meu delírio:
A meu pesar, Senhor, fui criminosa;
Porém tua Justiça adoro, e temo.

ELVIRA

O Céu é justo, Inês, o Céu te absolve:
Tua alma, onde morou sempre a virtude,
Tem por graves delitos leves faltas;
Tranquiliza, Senhora, os teus sentidos,
Modera as aflições.

INÊS

Em breve a morte
Às minhas aflições virá pôr termo.

ELVIRA

Oh Céus! Na primavera de teus anos,
Engolfada em fatais, loucos pesares,
Tu própria buscas terminar teus dias,
Sem que ao menos te lembres que depende
Da tua vida a vida do Consorte;
Que numa lágrima só que tu derrames,
Se o Príncipe jamais a divisasse,
Seria de sobejo a envenenar-lhe
O terno coração, que afagar deves!...
Se neste estado agora ele te achasse,
Em que estado sua alma ficaria!
Por seu amor, te rogo, enxuga o pranto,

As aflições desterra, em que soçobras.

INÊS

Oxalá que pudesse desterrá-las!
Mas buscarei ao menos reprimi-las,
Porque não participe o caro Esposo
Dos males, dos horrores que me cercam.
Embora o Céu me oprima, e me castigue,
Entorne sobre mim suas vinganças;
Porém sobre ele só prazeres mande:
O seu sossego, mais que o meu, desejo:
A fim de lhe mostrar alegre o gesto,
A que esforços me não dou continuamente?
Para o não afligir... ah! Quantas vezes
Calco, sufoco dentro do meu peito
Aflições, que no peito me não cabem!...
Quantas vezes, sumindo-se a seus olhos,
Dos meus ao coração recua o pranto!
Mas ah, que os meus pesares, meus martírios,
Quanto mais os escondo, mais se azedam,
Nem podem já ter fim senão com a vida.
A qualquer parte, oh Céus, que os olhos mande,
Motivos de aflição somente encontro.
Do passado a lembrança me horroriza,
E do futuro a ideia me intimida:
Contra mim conspirada a intriga, a inveja,
Sobranceiras as iras de um Monarca,
Tudo me vai cavando a sepultura:
O coração me diz.

ELVIRA

Ele te ilude:
Que podes tu temer, quando enlaçada
Ao mais digno dos Príncipes do Mundo,
Ao melhor dos mortais que os Céus formaram,
O seu braço invencível te defende?
Em vez de reccar sonhados males,

Olha os imensos bens, a fausta sorte,
Que propicio futuro te aparelha;
O Lusitano Sólido, que te espera;
O respeito, o amor dos Portugueses,
A glória de imperar sobre este povo,
A quem teme, e venera o Mundo inteiro...
Tudo, tudo, Senhora, te promete
Permanentes venturas: nada temas.

INÊS

Essas mesmas quiméricas venturas,
Esses bens ilusórios, que me apontas,
Justos motivos são dos meus temores.
Oxalá que D. Pedro não tivesse
Um trono por herança que ofertar-me!
Então fora eu feliz, passara a vida
No regaço da paz, e da alegria:
Não haveria então quem se opusesse
À perpétua união das nossas almas;
Nem bárbara política empecera
De nossos ternos corações a escolha:
Um do outro na posse, ambos ditosos,
Aos transportes d'amor sem susto entregues,
Rodeados dos tenros, caros filhos,
Sem ter que desejar, o trono excelso,
Todos esses fantasmas da grandeza
Nem uma vez sequer nos lembrariam;
Mas o fado não quis...

ELVIRA

Aí vem D. Sancho.

INÊS

Que motivo o conduz a procurar-me?
Venero as suas cãs, e o seu caráter;
Como ele, junto aos Reis, acham-se poucos.

CENA II

D. Sancho, Inês e Elvira.

(Elvira, logo que D. Sancho entra na cena, retira-se para o fundo dela e pouco depois desaparece)

D. SANCHE

O Céu neste lugar faz que eu te encontre:
É preciso, Senhora, com franqueza
Mostrar-te os iminentes precipícios,
Que só tua virtude evitar pode.
O Príncipe despreza os meus conselhos,
Meus rogos não atende, nem já cede
Às lágrimas de um velho que aprecia,
Mais do que a própria vida, a sua glória:
De um velho, que incumbido de educá-lo,
Sempre a nua verdade ante os seus olhos
Tem feito aparecer, buscando sempre
Afastar-lhe a lisonja dos ouvidos,
Esse das Cortes péssimo veneno,
Que os corações dos Príncipes corrompe.
Seu caráter violento, caprichoso,
Agora por amor mais inflamado,
Já não deixa dobrar-se às minhas vozes;
Cego resiste aos Paternais preceitos;
É necessário pois que a obedecer-lhe
O resolvas tu mesma. Bem conheces
Do inflexível Afonso o gênio iroso.
Já três vezes o tem chamado à Corte,
Sem que D. Pedro cumpra os seus mandados,
Nem queira pesar bem seus ameaços:
Muito do Rei severo temo as iras,
Por cruéis Conselheiros ataçadas:
Vendo talvez do filho a rebeldia,
Se esqueça de que é Pai. Cumpre, Senhora,
Que atalhes as funestas consequências,

Que podem resultar da pertinácia
Em que o Príncipe insiste: que o convenças
A benefício seu, e em teu proveito,
A cumprir sem demora os seus deveres:
Eu sei que na sua alma podes tudo,
E das tuas virtudes tudo espero.

INÊS

O teu zelo, candura, e probidade
Assaz louvo, e respeito. Não te enganas
Em supor-me capaz de empreender tudo,
Inda mesmo arriscando a própria vida,
Para chamar D. Pedro aos seus deveres;
Não tem sido por falta de lembrar-lhos,
Que ele às ordens de um Pai tem resistido.
(Tu, não menos do que eu, seu gênio sabes)
Nem atender-me quer quando lhe imploro,
Que à Corte vá lançar-se às Regias Plantas.
Todavia, D. Sancho, eu te prometo,
Que não hão de cessar minhas instâncias;
Embora, longe dele, Inês saudosa,
Ao furor dos seus émulos exposta,
Venha talvez a ser vítima triste
De insidiosa política: antes quero
Morrer, do que lembrar-me que sou causa
De que o Príncipe falte aos seus deveres.

D. SANCHO

Quem nutre em si tão nobres sentimentos,
Inda sendo oprimida, é venturosa.
Zombou sempre a virtude da desgraça,
Debalde a emulação, armando a intriga,
Conspira contra ti: mas é preciso
Seus desígnios frustrar: sim...

INÊS

Eis D. Pedro.

D. SANCHO

Queira o Céu que o convenças! Eu vos deixo.

CENA III

D. Pedro e Inês.

D. PEDRO

Quanto são vagarosos, cara Esposa,
Os poucos melancólicos momentos,
Que distante de ti saudoso passo?
Só ao teu lado, Inês, sossego encontro,
Não existo senão quando te vejo.

INÊS

Quanto me adoras sei, Príncipe amado;
Mais terno cada vez, mais extremoso,
As tuas expressões meu pranto excitam;
Porém de amor agora não tratemos:
Bradando estão deveres mais sagrados
Que preencher te cumpre: antes de tudo
Tenho, Esposo, um favor que suplicar-te:
Negar-me-ás tu, Senhor?

D. PEDRO

Inês, que dizes?
Tu, que tens na minha alma todo o império,
Ah! Podes duvidar que eu te obedeça?

INÊS

Pois bem, Senhor, atende à tua Esposa,
Ouve meus rogos, e a meus rogos cede:
Se tu só junto a mim sossego encontras,
Também só junto a ti sossego eu tenho;
Porém quer o destino, o dever manda,
Que te apartes de mim por algum tempo.

D. PEDRO

Apartar-me de ti? Oh Céus! Que escuto!
Apartar-me de ti? Castro é quem fala?

INÊS

É Castro, sim, Senhor, aquela mesma,
Que preza mais que tudo a tua glória;
Aquela, cujo brio não tolera,
Que seja o terno amor, que lhe consagras,
Motivo de infringires teus deveres.
Bem o sabes, Senhor, em nenhum tempo
Procurei ardilosa fascinante:
Cedi ao teu amor, porque te amava,
Porque em ti divisei uma alma terna,
Alma que o Céu formou para encantar-me,
De todas as virtudes adornada.
Agora pois te cumpre conservá-las,
E a mim não consentir que as abandones:
Eu de mim própria assaz me horrorizara
Se visse que as perdias por amar-me.
Não, Príncipe querido, eu te suplico
Por este mesmo amor que a ti me prende,
Que à Corte sem demora te dirijas,
Onde teu Pai, talvez já fatigado
De te chamar em vão, te espera ansioso.
Obedecer aos Paternais preceitos
É lei da Natureza, é lei sagrada;
Cumprir-la deves: vai...

D. PEDRO

Basta: Eu conheço
Quais meus deveres são, e sei cumprí-los;
Sei que é devida aos Pais a obediência;
Mas igualmente sei que tem limites
A Paternal, sagrada autoridade.
Tenho pensado bem no que obrar devo:

Justos motivos, que não sabes inda,
Exigem que eu não cumpra as Regias ordens.
Obedecera a um Pai, se Pai tivera...
Mas eu não vejo mais do que um tirano
Nesse que o ser me deu...

INÊS
Senhor, suspende:
É teu Pai; muito embora cruel seja;
Tu deves respeitá-lo, e obedecer-lhe.

D. PEDRO
Se quer que lhe obedeça, e que o respeite,
Não me imponha preceitos desumanos.

INÊS
Não prometeste há pouco à tua Esposa
Conceder-lhe o favor que te pedisse?

D. PEDRO
Vê pois quando não posso comprazer-te,
Se terei razões justas que me estorvem
De obedecer a um Pai!

INÊS
Não pode havê-las.

D. PEDRO (*sem atender a Inês, transportado*)
Tiranos... que nos julgam seus escravos!
Para nos flagelar o ser nos deram!

INÊS
Tu me fazes tremer.

D. PEDRO
Sabe enfim tudo.
Afonso, e o Monarca de Castela

Acabam de firmar a nova aliança,
Em que sem meu consenso contrataram,
Que eu daria a Beatriz a mão de Esposo:
Para este fim à Corte sou chamado.
Afonso, não contente da violência
Que ao meu coração fez, quando forçado
De rojo me levou ante os altares
Para unir-me a Constança em laço eterno,
Pesado laço, que rompeu a morte;
Não contente de haver sido o motivo
De... Mas que digo? Não, ah! não foi ele;
Eu em lhe obedecer fui o culpado:
Que desenfreie agora as suas iras;
Que rogue, que ameace; mesmo quando
Em secreto Himeneu não estivessem
Ligadas para sempre nossas almas,
Debalde intentaria submeter-me
A um jugo que a vontade recusasse,
Reconheço porém que a pertinácia,
O despótico orgulho de seu gênio,
Sem que atenda senão ao seu Tratado,
Quererá que por força o desempenhe.
Não convém descobrir nosso consórcio;
E outra escusa qualquer que eu fosse dar-lhe
De irritá-lo inda mais só serviria.
Agora julga pois se partir devo.
Se me devo ir expor, talvez... quem sabe!
A faltar-lhe ao respeito inteiramente...
Mas tu choras?... Que vejo!... Acaso temes?...

INÊS

Nada temo por mim, por ti só temo:
Sim, quando vejo sobranceiros males,
Por desditoso amor originados;
Quando vejo engrossar a tempestade,
Que me denota próxima ruína;
Nem por isso me assusto: o que me aflige,

É ver um Pai, um Reino, e o próprio Esposo,
Tudo por meu respeito alvorotado.
Em situação tão árdua, e tão penosa,
Até chego a desejar... (infeliz Castro!)
Que o sacrossanto nó que a mim te prende,
Este laço tão doce, e desejado,
Dos bens o maior bem que Inês possui,
A ser possível, hoje se rompesse,
Só porque tu pudesses livremente
Obedecer a um Pai, fazer ditosos
Por um feliz consórcio dois Impérios.
Muito embora Beatriz te possuísse...
Mas que digo? Ai de mim! Nos braços de outra!...
Nos braços de outra ver o amado Esposo!
Ah! não... Não posso tanto, antes a morte.

D. PEDRO

É teu meu coração, será teu sempre.
Os laços de Himeneu são as mais débeis
Prisões que a ti me ligam. Quando amamos,
Desnecessários são ritos, promessas:
Mais força tem amor que os juramentos.
Inda que ante os altares sacros votos
De permanente fé, de amar-te sempre
Não tivesse a teu lado proferido,
Seria sempre teu, sempre te amara;
Sem que jamais pudesse força humana
Separar corações, que amor unira.

INÊS

Mas que, talvez em breve sopeados,
Aos golpes da política sucumbam.

D. PEDRO

Para lhe resistir basta o meu braço.

INÊS

O teu braço, Senhor, só deve armar-se
Para empresas mais dignas do teu nome:
No lance melindroso em que nos vemos
Convém, mais que os furores, a brandura;
E apesar das razões que ponderaste,
Julgo que deves dirigir-te à Corte;
Pois talvez, se não corres a embargá-los,
Teu Pai avance os começados passos
Para as núpcias da Infanta de Castela,
Na esperança de ser obedecido,
E a ponto chegue que depois não possa...

D. PEDRO

Sem lhe dizer porque, já fiz saber-lhe,
Que tais núpcias jamais celebraria.

INÊS

Mas não fora melhor...

CENA IV

D. Pedro, Inês e D. Sancho.

D. SANCHO

Senhor: ah! corre,
Vem esperar teu Pai.

INÊS

Oh Céus!

D. PEDRO

Que dizes?

D. SANCHO

Dirigido a Coimbra em veloz marcha
Partiu da Corte Afonso, aqui não tarda.

INÊS (*falando consigo mesma*)
Agora sim, minha desgraça é certa.

D. PEDRO (*pensativo e admirado*)
Meu Pai? oh Céus!... meu Pai?

D. SANCHO
Coelho, e Pacheco,
Seus cruéis Conselheiros, o acompanham:
Toda a Corte, Senhor, em sobressalto
Ficou com esta partida inesperada:
Mendonça que ligeiro vem trazer-te
A importante notícia, assim o afirma:
Murmura o Povo já de recusares
As núpcias de Beatriz, que aplaudem todos.

D. PEDRO
Murmure muito embora, embora venha
Armado de poder, ardendo em raiva,
Da vingança, e das fúrias escoltado,
Esse a quem por meu mal devo a existência;
Que, se intentar comigo ser tirano,
Há de em seu filho achar um inimigo
Capaz dos mais tremendos atentados;
Que em casos tais os crimes não são crimes,
São forçoso dever das almas grandes.
Esperá-lo não vou.

D. SANCHO
Senhor, que fazes?

D. PEDRO
O que me apraz fazer.

INÊS
Oh Céus! Nem posso
Das tuas expressões horrorizada,

Soltar do coração trêmulas vozes:
Falem por mim as lágrimas que choro...
Não me consternes mais. Ah! vai, não tardes;
Voa a encontrar teu Pai, se ver não queres
Estalar de aflição a tua Esposa.

D. PEDRO (*depois de ficar um pouco pensativo, diz resolutivo*)
Eu vou satisfazer-te, sim eu parto;
Vou rasgar do segredo a cauta venda:
Saiba, sim, saiba Afonso antes que chegue
Estes sítios a entrar, que Inês habita,
Que a deve respeitar como Princesa;
Que inquebrável prisão a Inês me liga.
(*Em ação de partir, e D. Sancho retendo-o*)

D. SANCHO
Oh Céus! Não faças tal, melhor discorre;
Para lhe revelar um tal segredo
Ocasão mais oportuna espera:
A cólera azedar não vás de Afonso;
No transporte cruel das suas iras,
Bem sabes que é capaz...

D. PEDRO
De que? De nada:
Mais de mim, do que eu dele, tremer deve...
Se ousasse contra Inês... Ah! nem pensá-lo.
Para vingar o seu menor insulto
Seria pouco todo o sangue humano.

INÊS
Bem me dizia o coração pressago...
Meu mal é sem remédio; o próprio Esposo
É quem vai despenhar-me no sepulcro.
Meus cruéis inimigos não me assustam:
O popular tumulto, um Rei severo
Nada temo, ai de mim! a ti só temo.

Ah! Lembra-te, Senhor, do que juraste
Antes de conduzir-me às sacras Aras,
Onde eu te não seguira, se primeiro
Tu me não prometesses guardar sempre
O devido respeito ao teu Monarca,
E a paz não perturbar dos seus Domínios:
Tu não hás de faltar, o tempo é este,
Que eu já previa então: oh caro Esposo!
Lança do coração fatais transportes;
Não percas tempo, vai, corre a prostrar-te
Aos pés do grande Afonso; mas submisso,
Ao beijar de teu Pai a mão augusta,
Sobre ela de teus olhos chova o pranto.
Pondera que te perdes, que me perdes,
Se com ele furioso praticares;
Só nos pode salvar dócil brandura:
Se não queres matar-me, sê submisso.

D. PEDRO

O temor de afligir-te pode tudo.
Respeitoso serei, terei brandura,
Se ele brandura igual usar comigo.
Nada temas, Princesa: Adeus. Eu juro
Pelos Céus outra vez, e por ti mesma,
Que inda que o Mundo inteiro se me oponha,
Castro há de ser de Portugal Rainha. (*Parte*)

INÊS

Não te apartes, D. Sancho, do seu lado:
Moderem teus conselhos seus transportes.

D. SANCHO

Dai forças, justos Céus, às minhas vozes,
Lançai a Portugal piedosas vistas.

CENA V

INÊS (só)

Que temor, infeliz! de mim se apossa!

(Sem poder despregar os olhos do caminho que tomou D. Pedro)

Caro Príncipe!... Esposo!... oh Deus, quem sabe

Se a ver-te tornaram inda os meus olhos.

Vai, ó Castro, abraçar-te aos caros filhos,

E entrega-te nas mãos da Providência.

ATO II

CENA I

D. Afonso e D. Pedro.

D. AFONSO

Basta, Príncipe, basta: prescindamos

De justas arguições, de escusas fúteis;

Não quiseste ir, vim eu. Quero esquecer-me,

Perdoar quero mesmo as tuas faltas,

Uma vez que obediente hoje as repares.

Concluem-se estas núpcias proveitosas,

Que para teu prazer, e a bem do Estado,

Prudente contratei. Verás com gosto,

Quando Lisboa entrares a meu lado,

Com quanto regozijo o Povo todo,

Teu consórcio aplaudindo, a festejá-lo

Com pompa jamais vista se prepara.

Que doçura não é para os Monarcas,

Espalhar alegria entre os Vassalos!

Vê-los mandar ao Céu ardentes votos,

Pela conservação da Régia Prole,

Que lhe segura a paz, a dita, a glória!

Ver que as suas ações o Povo aprova,

E contente abençoa o seu Reinado,

Curvando-se de grado ao leve jugo,

Que somente os maus Reis fazem pesado!
Mil graças dou aos Céus, pois satisfeitos
Julgo estarão de mim os Lusitanos.
E nada mais desejo que deixar-lhes,
Em meu filho, outro eu, que sempre os ame,
E que por eles seja sempre amado.
Começa desde já neste consórcio
A firmar o seu bem. Sim, hoje mesmo
Deves partir comigo para a Corte,
A fim de o celebrar, logo que chegue
A Infanta de Castela, digno objeto
Que escolhi para Esposa de meu filho.

D. PEDRO

Ah! Que seja possível, por meu dano,
Que o melhor dos Monarcas do Universo,
Igualmente não seja o Pai mais terno!
Que um Rei, que desvelado buscou sempre
Fazer os seus Vassallos venturosos,
Queira fazer seu filho desgraçado!...
Contratares, Senhor, sem consultar-me
Um consórcio, ignorando se teu filho
Pode, ou quer d'Himeneu às leis cingir-se!
Se essa, que lhe destinas para Esposa,
Pode ao seu coração ser agradável!
Acaso julgas tu desnecessária
A minha aprovação para estas núpcias!
Não será livre um coração ao menos
Na escolha de uma Esposa, que amar deve...
Ah! Não queiras, Senhor, com tal violência...

D. AFONSO

Emudece, insensato; não prossigas
Indignas expressões que me envergonham...
Bem conheço a razão porque assim pensas.
Que indignos sentimentos, que fraqueza,
Para quem deve um dia ser Monarca!

Como, quando do Império as rédeas tomes,
Quando na mão a espada formidável
Da severa Justiça sustentares,
Das paixões punirás o torpe efeito,
Sendo tu próprio das paixões escravo?
Como jamais serás obedecido,
Se tu mesmo ao teu Rei desobedeces?
Com quanta repugnância os Portugueses,
Murmurando, verão no Luso Sólio,
Que de tantos Heróis tem sido assento,
Um Rei dado às paixões, afeminado,
Incapaz de empunhar o Cetro augusto!

D. PEDRO

Mas capaz de os reger, e defendê-los.
Se das grandes paixões sou susceptível,
A moleza detesto, bem o sabes:
Quando cumpre, Senhor, em campo armado;
Ensinado por ti, brandindo a espada
Sei por ações mostrar que sou teu filho;
Nem para ser bom Rei (Senhor, perdoa)
Eu julgo necessário uma alma dura;
Mas antes me persuado não devera
O que fosse insensível reger Homens.
Corações que à ternura se não rendem,
Jamais sabem carpir alheios males;
Nem doer-se das lágrimas do aflito.

D. AFONSO

Apagada a razão, cego deliras;
Isentos de paixões os Reis ser devem;
Manam dos seus os públicos costumes:
Se exemplificam mal os seus Estados,
Os vícios dos Vassalos são seus vícios;
Devem sacrificar os seus desejos;
Ser consigo cruéis a bem dos Povos,
Que o Céu lhes confiou; e os que se ensaiam

Para lhes dar as Leis, devem mostrar-se
Capazes destes nobres sacrifícios.
Os consórcios dos Príncipes são obra
Dos interesses do Estado, eles decidem,
Eles dispõem de nós. Deixem-se ao Vulgo
Caprichosos melindres com que exige,
Que aos laços d'Himeneu Amor presida.
As doçuras de Amor para os Monarcas
São de pouca valia: a nossa glória
Não se firma em tão fracos alicerces.

D. PEDRO

Se aos que devem reinar é necessário
Ceder dos privilégios, dos direitos
Que a Natureza deu aos Homens todos;
Por tal preço, Senhor, não quero o Trono!
Laços formar, que o coração repugna,
Origem de desgraças, e de crimes...
Assaz o experimentei... grilhões tão duros,
Por tuas mãos lançados, longo tempo
Com bem custo arrastei... Suportar outros...
Ah! Não, Senhor, não posso.

D. AFONSO

Temerário!
Basta já de sofrer um filho ingrato.
Se aos rogos, às razões de um Pai benigno
Tu não queres ceder; cede aos preceitos
De um Monarca severo, e justo.
Eu dei minha palavra, hás de cumpri-la:
Os tratados dos Reis não são falíveis:
Debalde pois te opões...

D. PEDRO

Mas ah! Pondera...

D. AFONSO

Tenho enfim decidido. Acaso queres,
Deixando de cumprir o meu Tratado,
Entre os Povos soprar horrenda guerra?
Queres ver Portugal nadando em sangue?
Contra nós conspirada a Europa inteira,
Abraçando o partido de Castela,
Vir vingar sua injúria? Ah!...

D. PEDRO

Que receias?
Portugal vencedor, nunca vencido,
Zombará do poder do Mundo inteiro.
Tão ousada será, tão néscia a Espanha,
Que contra nós se atreva a mover guerra?
Não há de inda lembrar-se o seu Monarca,
Que te deve os Domínios que possui?
Que há bem pouco, cercado de inimigos,
Vendo nas mãos o Ceptro vacilante,
Mandou a própria Esposa, filha tua,
A implorar-te que fosses socorrê-lo,
Ou antes sobre o trono sustentá-lo?
E que do filial pranto comovido,
Não contente em mandar-lhe tuas Tropas,
Tu próprio à testa delas generoso
Quiseste ir debelar seus inimigos,
E segurar-lhe a Coroa na cabeça?
Há de ofender quem soube defendê-lo!
Quem pode, apenas queira, aniquilá-lo?
Não; quem viu pelejar, ao teu comando
Nas margens do Salado os Portugueses,
A atacar Portugueses não se atreve;
E se o tanto chegar a sua insânia,
À maneira dos seus antepassados,
Chorando o opróbrio de ficar vencido,
Caro lhe custará seu louco arrojo.
Oxalá que ele à guerra nos convide!
Poderia teu filho então mostrar-te,

Que te sabe imitar quando é preciso,
Novos louros cingindo ao teu Diadema.

D. AFONSO

Que desatino! Oh Céus!... Eu me envergonho
De te haver dado o ser: de te ouvir tremo...
Tristes Vassalos meus, amados filhos,
Que Monarca vos deixo sobre o trono!
Tu desejas a guerra? Esse flagelo,
Que envergonha, e devasta a Humanidade?
O capricho dos Reis que imposta aos Povos?
Ouve as lições de um Pai, posto que iroso
Só devera tratar do teu castigo.
Eu não posso deixar quando te escuto,
De repreender-te, ó filho, e de ensinar-te:
Talvez por ti mandado à sepultura,
Bem depressa no trono me sucedas;
Não te esqueças então dos meus ditames:
Poupa o sangue dos míseros Vassalos,
Do mais ínfimo deles preza a vida
Outro tanto que a tua; teme a guerra,
Que ao próprio vencedor sempre é funesta:
No meio do triunfo os bons Reis choram.
Nessa mesma tão célebre batalha,
Que julgas me cingiu de louro eterno,
Quando juncavam do Salado as margens
Os montões de cadáveres sem conto
De infiéis derrotados inimigos;
Por perder trinta só dos meus Soldados,
Muito cara julguei esta vitória,
E, dentro de mim próprio recolhido,
Mais pranto derramei, do que eles sangue.
Os Reis devem ser Pais de seus Vassalos;
Nada mais que o seu bem deve importar-lhes...
Ele exige estas núpcias, que te ordeno;
Suas vozes escuto, e não as tuas.
Já te disse que dei minha palavra,

E torno-te a dizer que hás de cumpri-la.
Afonso é teu Monarca: mando, e basta.
Hoje mesmo comigo para a Corte
Vê que deves partir, vai preparar-te.

D. PEDRO

Teus passos seguirei, porém de balde...
Celebrar o consórcio que pretendes...
Quisera obedecer-te, mas não posso...
Sem que te diga mais, assaz te digo.

CENA II

D. AFONSO (*só*)

É possível, oh Céus, que assim meu filho
Temerário resista aos meus preceitos!...
Que cegueira! Que arrojo! é necessário
Desarraigar-lhe d'alma por violência
A funesta paixão que o traz de rojo:
Mas de que modo?... Cumpre meditá-lo...
Seja enfim como for, desempenhado
Meu Tratado há de ser: o ingrato filho,
Em vez de um Pai benigno, um Rei severo
Há de encontrar em mim. Oh lá, D. Nuno (*chamando*).

CENA III

D. Afonso e D. Nuno.

D. NUNO

Que me ordenas, Senhor?

D. AFONSO

Os Conselheiros

Vai chamar... mas espera, aí vem Pacheco.

CENA IV

D. Afonso, Pacheco e D. Nuno.

D. AFONSO (*se dirige a Pacheco, e D. Nuno se afasta para o fundo da Cena*)

Quem tal dissera, Amigo! Eu me envergonho
Somente de o pensar: o iroso aspeto
De um Monarca, de um Pai, razões, ameaços
Nada bastante foi: ousa o rebelde
Às núpcias recusar-se, aos meus preceitos;
Mas há de obedecer-me, aos Céus o juro.
Os meios estudemos, que eficazes
A sua contumácia vencer possam:
Se necessário for, inexorável,
Rigorous serei.

PACHECO

Dever funesto
É, Senhor, na verdade, o de um Vassalo,
Que fiel ao seu Rei, bem que sensível,
Na precisão se vê de suplicar-lhe,
Que sufoque a piedade, e que castigue...
Mas o interesse do Estado, e mais que tudo
O decoro do trono assim o exigem.
De incorrupta lealdade claras provas
Eu protesto dar sempre ao Rei, e à Pátria.
Longe de desculpar, porque é teu filho,
Do Príncipe a Paixão, funesta origem
Da sua contumácia; com franqueza
Direi meus sentimentos, sem que possa
Tolher-me as expressões o temor justo
De perder o favor, de ser odiado
De um Príncipe que adoro, e que respeito.
Se queres que teu filho te obedeça,
Corta a indigna prisão que maniatado
O coração lhe traz, e que o estorva

De entrar em seus deveres: pune, extingue
Esse objeto falaz que a alma lhe encanta:
De contrário, Senhor, serão baldados
Outros meios quaisquer que projetares.

D. AFONSO

Seja punida, sim, seja punida
Mulher que tantos males origina;
Que impera mais do que eu, e que se atreve
A usurpar-me do filho a obediência.
Seu crime... Mas que digo!... por ventura
Não é meu filho mais culpado que ela!
Serei eu parcial punindo Castro,
Sem que seja igualmente castigado
Quem deve mais do que ela ser punido?

PACHECO

O Príncipe é teu filho, tanto basta
Para ser absolvido, e desculpado:
A condição de Inês é mui diversa.

D. AFONSO

Não puno condições, puno delitos.
Antes de tudo interrogá-la devo.

D. Nuno, chama Inês.

(Parte D. Nuno)

Ouvi-la quero,
Sondar seu coração; depois veremos
Se é digna de castigo.

PACHECO

Ah! Se atenderes
Suas vozes, Senhor, suas escusas,
Por seu astuto pranto subornado,
Deixarás por piedoso de ser justo.
Quem foi capaz de fascinar o Filho,
Pode o Pai fascinar. Arte impostora

A peitos feminis Amor sugere:
Quando as abrasa criminosa chama,
Negam as expressões o que a alma sente,
E com o auxílio das lágrimas convencem.
Atende, atende só ao bem do Estado,
Ao exemplo que deves ao teu Povo,
Que, murmurando já, talvez se azede
Se vir que em nova guerra o precipita
Do Príncipe a paixão escandalosa.
Não sofrerá Castela a grave afronta
De ser, do seu Tratado em menoscabo,
Por teu Filho Beatriz repudiada:
E o consórcio D. Pedro não celebra,
Sem que até da lembrança Inês lhe afastes.
Atalha em quanto podes tantos males:
Muitas vezes punir é ser piedoso.

D. AFONSO

Tu me fazes entrar nos meus deveres.
Para me resolver a castigá-la
Basta o bem do meu Povo que me lembras.
No coração de um Rei digno do trono,
Se os interesses do Estado a voz levantam,
Compaixão, amizade, natureza,
Tudo, tudo emudece. Exterminada,
Em remota clausura Inês reclusa,
Da presença do Príncipe se afaste:
Não torne a ver meu filho essa que o cega,
Em quanto, da razão aceso o facho,
As tochas de Himeneu arder não faça;
E se isto não bastar, mão lançaremos
De outro mais eficaz, duro remédio.

PACHECO

Não bastará talvez; por mais que seja
Recatado, e remoto qualquer sítio,
Que para o seu desterro escolher possas,

Lá mesmo irá teu Filho arrebatá-la.
Eu calo o mais que sinto, e só te lembro
Que a queres com ela ser piedoso,
Poupando-lhe um maior, justo castigo,
De Portugal ao menos a desterres.
Ocasão, Senhor, tens oportuna
De enviá-la ao Monarca de Castela,
Que zeloso da filha no decoro,
Guardará providente em segurança
A rival que se atreve a disputar-lhe
O coração do Príncipe. Este arbítrio
Segue pois, se te apraz, bem que inda o julgo
Para tão grande mal remédio fraco.

D. AFONSO

Seguirei teu conselho; porém antes
Já de brandura usando, já de ameaços,
Quero tentar o coração de Castro;
Ver se a posso mover a que ela mesma
As chamas que acendeu apagar busque...
Mas ela para aqui já se encaminha.

CENA V.

D. Afonso, Inês, Pacheco e D. Nuno.

(Pacheco afasta-se para o fundo da Cena, logo que Inês se chega ao Rei, e D. Nuno que a conduz te retira)

INÊS *(prostra-se aos pés do Rei)*

Eu desfaleço... Oh Céus... Excelso Afonso,
Permite que a teus pés Inês prostrada...

D. AFONSO

Levanta-te, ardilosa. Não é digna
De beijar a Mão Regia uma vassala,
Que a perpetrar se atreve altos delitos.

INÊS

Eu perpetrar delitos! Quais são eles?
Fiel sempre ao meu Rei, vassala humilde,
Ignoro em que ofendesse a Majestade.

D. AFONSO (*contemplando-a iroso*)

Além de criminosa, inda impostora!...
A falaz artifício em vão recorres.
De sobejo ciente do teu crime.
Tua simulação mais me enfurece:
Ousarás tu negar que amas meu filho?

INÊS

Não, Senhor, a negá-lo não me atrevo...
Nem, por mais que eu quisesse, poderia
Deixar de confessar o que os meus olhos,
O rubor de meu rosto assaz te explicam:
Sim, se é delito amar, e ser amada,
Meu coração, Senhor, é criminoso...
Mas eu não sou culpada.

D. AFONSO

Que proferes?
Se confessas tu mesma o teu delito,
Dizes não ser culpada?

INÊS

Sou ingênua.
Em chamar-me impostora te enganaste:
Tenho-te dito assaz... e mais dissera,
Se lícito me fosse.

D. AFONSO

Acaba, dize:
Que cegueira fatal, que louco arrojo,
Vãs, altivas ideias te inspiraram?

Como intentaste ousada ter império
No coração e um Príncipe? Não vias
A distância empinada, inacessível,
Que do teu berço vai ao trono excelso?

INÊS

Quando amante paixão nos predomina,
Ofuscada a razão, a ninguém lembram
As distinções fatais do berço, e sangue.
São iguais ante amor os mortais todos:
De virtude somente se enamora
Uma alma virtuosa: só virtudes
Convidaram Inês a amar teu filho.

D. AFONSO

E atreves-te a falar inda em virtude?
Não profanes palavra tão sagrada;
Antes dize que estólida esperança,
Avidez de reinar, te fez culpada.
Talvez da minha já cansada vida
Contando os longos importunos dias,
Te tardava o momento suspirado,
Em que, baixando Afonso à sepultura,
Vazio o trono, aos teus desejos franco,
Te cingisse o Diadema a indigna fronte.

INÊS

Que injustiça!... Minha alma não conheces,
Não conheces de amor o desinteresse:
Quem ama, só deseja ser amado.
E a par de um coração como o de Pedro,
Os Diademas que são? Que vale o Mundo?
Quem de seu terno peito o império obteve,
Mais império não quer: nem se deslumbram
As almas grandes com o esplendor do trono.
Quando a amor sucumbi, do Sólido estava
Mais longe que o meu berço a minha ideia;

Por isso não medi como devera
A declive distância que os separa;
Mas hoje a vejo assaz, e mais deploro
A condição do Príncipe, que a minha;
Quisera que tivesse antes nascido
Vassalo o meu amante, que eu Princesa:
Longe de o cobiçar, detesto o trono:
Nele diviso só barreira odiosa,
Que entre peitos sensíveis sorte adversa
Alçou para que nunca unir-se possam...
Sei que sou infeliz... e o serei sempre.

D. AFONSO

Podes inda evitar maior desgraça;
Quem logo que o conhece o crime atalha,
A inocência recobra. Extingue, ó Castro,
As criminosas chamas que sopraste;
Quanto são detestáveis não ignoras,
E bem vês que nutri-las mais não podes.
Antes pois que do Príncipe te afastes,
(A tão graves delitos leve pena,
Que um benigno Monarca te destina)
Teu completo perdão merecer busca.
Tu mesma de seus erros o dissuade,
E o convence a cingir-se aos dignos laços
Do plausível consórcio que lhe ordeno:
Concorre para o público sossego,
Em vez de o perturbar: não exacerbes
Pertinaz em teu crime as minhas iras.
Teme o castigo atroz de que és credora,
Se ao coração do Príncipe as que urdiste
Prisões abomináveis não desatas.

INÊS

Muito exiges de mim!... Ah! Se eu pudesse
As algemas romper que nos vinculam,
Só por te obedecer (crê-me) o fizera:

Mas como num momento arrancar posso
Do peito de teu filho sentimentos,
Que amor, e simpatia originaram?
Para sempre deixar a terna amante,
E súbito ir lançar-se em braços de outra!...
Se ele tivesse uma alma tão volúvel,
Por amá-lo increpada eu não seria?
Que proferi?... Deliro... Oh Céus... Perdoa...
Perdoa-me, Senhor, talvez o tempo...
Extinguir poderá... Não sei que digo.

D. AFONSO

Basta: emudece já, mulher soberba.
De sobejo em tua alma tenho entrado.
Ousas alardear, ante mim próprio,
Do mais nefando crime! Ah! que castigos
Bastaram a punir teus atentados!
Tudo quanto há de horrível...

CENA VI

D. Afonso, Inês, Coelho e Pacheco.

COELHO

De Castela
Embaixador chegou, que Audiência pede.

D. AFONSO

Entrar pode.

CENA VII

D. Afonso, Inês e Pacheco.

D. AFONSO

Retira-te atrevida;
De meus olhos te afasta; vai, que em breve

Te serão minhas ordens intimadas.

INÊS

Humilde, e respeitosa hei de cumpri-las.
Mas só te rogo que, antes de punir-me,
Te dignes sem paixão sondar meu crime;
Pois se pesares bem os meus delitos,
Espero que me julgues desculpável.

(Retira-se Inês, e D. Afonso fica pensativo, em quanto Pacheco fala)

CENA VIII

D. Afonso e Pacheco.

PACHECO

Que insolente altivez ostentar ousa!...
Eu te lamento, ó Rei, quando te vejo
Na dura precisão de repelires
Da tua alma os impulsos compassivos,
Constrangido a punir asperamente,
Para evitar terríveis consequências.

CENA IX

D. Afonso, Coelho, Pacheco e o Embaixador.

EMBAIXADOR

A Filha do meu Rei, que te saúda,
Já dos Domínios teus pisa as fronteiras;
Mas o boato geral de que teu filho,
Por violenta paixão alucinado,
De Beatriz ao consórcio se recusa,
Aos ouvidos chegou do meu Monarca,
Que me ordena te diga, e te assegure,
Que se com tal repulsa, em seu desdouro,
O Tratado solene for violado,

(O que ele não espera) dignamente
Saberá sustentar a toda a força
O decoro da filha, e do seu trono.

D. AFONSO

Dize da minha parte ao teu Monarca,
Que para dissipar seus vãos receios,
Bastaria lembrar-se que os Reis Lusos,
Fidelíssimos sempre, seus Tratados
Sabem desempenhar: não porque temam,
Quaisquer que sejam, estrangeiras forças;
Mas por dever, por glória, e por costume.
E para lhe mostrar como procedo,
Hoje mesmo desterro de meus Reinos,
E à sua guarda entrego Inês de Castro,
Que ele julga estorvar da Infanta as núpcias.
Podes certificar-lhe, que consorte
Há de meu Filho ser da Filha sua.

EMBAIXADOR

Nem era de esperar que um Rei tão sábio
Procedesse jamais doutra maneira,
Pronto vou expedir ao meu Monarca
A plausível resposta, que lhe envias.

CENA X

D. Afonso, Coelho e Pacheco.

D. AFONSO

Sem demora, Pacheco, aprontar faze,
Para Inês conduzir, segura escolta:
Vai, Coelho, dizer-lhe que se apreste:
Partirá hoje Inês para Castela,
E meu filho comigo para a Corte.

COELHO

Oxalá que assim seja! Mas duvido.
Em castigar avaro em demasia,
Além de ser, Senhor, simples desterro
Aos delitos de Inês pena mui leve;
Receio que de horríveis atentados
Seja origem fatal este projeto.
Fora talvez melhor lançar mão logo
Dos eficazes, últimos remédios.
Eu conheço o caráter de teu filho:
Mal souber que roubar-lhe Inês intentas,
Dos filiais deveres esquecido,
Com braço armado, temo que se atreva
Contra seu próprio Pai.

D. AFONSO

Nem tal profiras:
Não faças a meu filho essa injustiça:
De tão feio atentado basta a ideia
Para me horrorizar. Ide ligeiros
Fazer que as minhas ordens se executem.
Ah! Se alguém se atrevesse a contravi-las,
Seu tremendo castigo serviria
De memorando exemplo ao Mundo inteiro.

ATO III

CENA I

INÊS (só)

Miseranda!... Que trance! Oh desventura!...
Oh sentença, cruel!... Venceste, ó Fado.
Aprazíveis lugares, testemunhas
Do mais ardente amor, ah, para sempre
A malfadada Inês de vós se aparta...

Quanto fora melhor, quanto mais doce
Deixar a vida, que deixar o amante!
Que!... Eu... deixar o amante?... Oh caro Esposo!...
Oh Céus! podeis mandá-lo, ou permiti-lo?
Sereis também cruéis como os humanos?
Condenareis os mesmos, que soprastes,
Sentimentos d'Amor, da Natureza?
Para um castigo tal quais são meus crimes?...
Se me queres punir, Deus de vingança,
Os raios tens nas mãos, acende os raios,
Meu terno coração reduz ao nada;
Mas doutro coração, a que o ligaste,
Separá-lo jamais... Ah! nem tu mesmo,
Nem tu, que podes tudo, tanto podes...
Que proferes, blasfema! Aos Céus te através?...
Oh virtude! Oh razão! Desamparais-me?...
Onde, Inês, onde está tua constância?
Aos teus deveres torna, entra em ti mesma.
Órgão do Ser Supremo, um Rei te ordena,
Que do Esposo te apartes; não resistas;
É força obedecer; enfreia n'alma,
Sufoca as aflições, cala os queixumes:
Com as desgraças os crimes não mistures:
Mas deixá-lo!... Ai de mim... Deixá-lo!... Agora,
Agora é que eu conheço as fúrias todas,
Toda a força d'amor: ele triunfa
Da razão, da virtude, e dos Céus mesmo.

CENA II

Inês e Elvira.

ELVIRA

Senhora... (Ai triste!... o pranto me sufoca!)
Se é certo que ímpias ordens te condenam
A deixar Portugal, a triste Elvira,
Que protestou viver, morrer contigo,

Sempre junto ao teu lado, a qualquer parte
A que te arroje a sorte, há de seguir-te:
Confio que esta graça me concedas.

INÊS

Ah! Não venhas juntar aos meus pesares
O quadro da Amizade consternada:
Para esmagar-me o coração sensível
Bem basta Amor, a Natureza basta.
Não posso resistir a tantos males,
Aos golpes da saudade que retalham
Da atribulada Inês o peito aflito.
Mais pranto com teu pranto não me arranques,
Que a um terno coração inda mais costumam
As lágrimas que move, que as que verte.
É mesmo o ser amado um bem funesto,
Que exacerba a desgraça aos desgraçados.

ELVIRA

É possível haver almas tão duras,
Que um tão sensível coração flagelem!...
Mas ah!... Porque aos pesares sucumbimos?
D. Pedro é teu Esposo; ele há de opor-se
Defensor poderoso em teu socorro;
Há de frustrar da tirania as ordens;
Nele pois confiemos: a excitá-lo
Bastarão tuas lágrimas...

INÊS

Que dizes!
Que terrível ideia me despertas!
Em vez de confortar-me, vens, Elvira,
Abater-me a constância, aconselhar-me
A que contra seu Pai revolte um filho?...
Ah! Não... Embora Inês infeliz seja;
Mas nunca origem de rebeldes crimes:
Amortecida já, mas inda acesa

Brilha a luz da razão dentro em minha alma.
Não consintas, oh Céus, que amor a apague;
Fortalecei meu peito. Sim, eu devo,
Eu devo submeter-me ao meu destino:
Cumpram-se as duras leis do duro fado:
Amargurada irei longe do Esposo
Acabar entre as garras da saudade...
Porém os caros filhos... Ah! comigo,
Comigo os levarei. Doces penhores
Do mais constante amor, sereis ao menos
Na minha adversidade terno alívio...
Entre os meus braços sempre, sempre unidos
Da inconsolável Mãe ao peito ansiado,
Cobertos de carícias, de suspiros,
Banhados com meu pranto, em seus semblantes
O semblante verei do Esposo ausente.
Aprenderão de mim... Mas ah! Que digo!...
Queria eu acaso, associando
Ao pavoroso horror do meu destino
O destino dos filhos inocentes,
Tolher sua ventura?... Não; entregues
De seu Pai aos desvelos, abrigados
À sua sombra fiquem; lembrem-lhe eles
A misérrima Inês continuamente...
O retrato da Mãe nos filhos veja,
Que eu memórias do Esposo não careço;
No coração gravada a sua imagem,
Ante os meus olhos sempre há de seguir-me,
Há de, em quanto viver, viver comigo,
E comigo baixar à sepultura.

CENA III

D. Pedro, Inês e Elvira.

(Inês, apenas vê D. Pedro, busca enxugar as lágrimas. Elvira afasta-se para o fundo da Cena e pouco depois se retira)

D. PEDRO

Inês, querida Esposa... Mas que vejo!...
Debalde buscas enxugar teu pranto:
Aos olhos de um amante nada escapa.
Impressas no teu rosto bem diviso
As aflições, que o coração me partem.
Que motivo... Mas devo eu perguntá-lo?
Não sei assaz a origem dos teus males?...
Eu sou, sim, sou eu mesmo o teu flagelo;
Mas o teu defensor, o teu Esposo:
Nada receies pois, nada te aflija...
Porém as tuas lágrimas se dobram?...
Oh Céus!...

INÊS

Amado Esposo, não repares,
Não te aflijas com as lágrimas que choro:
As tuas expressões, tua presença
Agravam minha dor, meu pranto aumentam.
Ah! pelos tristes olhos sair deixa
Meu coração em lágrimas desfeito.

D. PEDRO

Antes em borbotões todo o meu sangue
Eu quero ver correr, do que o teu pranto.
De tua alma desterra vãos temores,
Extermina os pesares, não sucumbas
A males transitórios que te oprimem.
Os caprichos do Fado, a desventura
Calcaremos aos pés: sim, cara Esposa,
Sempre unidos seremos venturosos.

INÊS

Unidos dizes tu!... Oh Céus!... Unidos?...

D. PEDRO

Pois quem, quem poderia separar-nos?

INÊS

O rigor... Ai de mim! Que vou dizer-te?...
Que raio a triste Inês vai fulminar-te?...
Poupar teu coração, oh Céus, quisera;
Porém eu a deixar-te não me atrevo,
Sem que te diga adeus... Ah! caro Esposo!
Aperta-me em teus braços, e recebe
As minhas derradeiras despedidas.

D. PEDRO

Que escuto!... Que acontece?... Inês, que dizes?

INÊS

Para sempre de ti vou separar-me.

D. PEDRO

Separar-te de mim!

INÊS

Atroz conflito!...
Caro Príncipe, Esposo, não te esqueças
Da desditosa Inês... Mas ah! Que digo!
Esquece-me se podes; sê ditoso;
Vive, vive feliz. Eu só te rogo,
Que dos queridos filhos te encarregues;
Que afagues sua infância, que os ampares;
Que os defendas da inveja, da impiedade:
Não cogites de mim, deles só cuida,
É forçoso ceder às leis do Fado:
Longe de ti, mirrada de saudades,
Vou exalar meus últimos suspiros.

D. PEDRO

Oh desesperação! Que ideia horrível
Surge dentro em minha alma! Acaso (eu tremo!)

Atrever-se-á meu Pai...

INÊS

Aos seus preceitos
Obedecer devemos: intimados.
Me foram já: de Portugal banida,
Partir devo hoje mesmo para Espanha.

D. PEDRO

Oh Fúrias! é possível? Rei tirano,
Não levarás avante os teus projetos...
Nem ele, nem os Céus, nem os Infernos
Poderão arrancar-te de meus braços.
Desenganá-lo vou, parto a falar-lhe:
Trema o cruel de mim, se não revoga
A bárbara sentença.

INÊS

Oh Céus! Que fazes?

CENA IV

D. Pedro, Inês e D. Sancho.

D. SANCHO

Teu Pai, Senhor, te busca: tudo prestes
Para voltar à Corte... Mas que vejo!
Ele mesmo é que vem.

D. PEDRO

Querida Esposa,
Retira-te, eu te rogo... Nada temas.

INÊS

Eu me retiro, sim; mas só te imploro,
Que te lembres que és filho, e que és vassalo.

D. PEDRO

Mas Esposo também, que é mais que tudo.

CENA V

D. Afonso, D. Pedro e D. Sancho.

D. AFONSO

Então, quem nestes sítios te demora?

Eia, segue-me já.

D. PEDRO

Quem, eu!... Seguir-te?...

Abandoná-la! Não, não te obedeco.

D. AFONSO

Que escuto, oh Céus!

D. PEDRO

Inda não disse tudo.

Atende-me, Senhor: é necessário

Declarar-me contigo; o véu se rasgue;

É tempo, é tempo enfim que me conheças.

Entra em meu coração desesperado,

De virtudes capaz, capaz de crimes,

Se a crimes o excitar a tirania.

Sabes que adoro Inês, e projetavas

Roubá-la ao meu amor? Que infernal fúria

Te aconselha a punir uma inocente,

Que é só culpada, se a virtude é crime?

E esperavas acaso que eu pudesse

Covarde tolerar seu menor dano,

A injustiça maior, sem defendê-la,

Sem opor-me aos desígnios da impiedade?

Eu fora dos mortais o mais abjeto,

Se deixasse oprimir...

D. AFONSO

Ah! Não prossigas:

Emudece, rebelde. Não sei como

Reprimir posso a cólera... Que arrojo!...

Ousas tu murmurar dos meus Decretos?...

D. PEDRO

Não só murmuro, atrevo-me a frustrá-los.

A razão, e os Céus mesmos me autorizam.

Defendendo a minha Esposa.

D. AFONSO

A tua Esposa!...

D. PEDRO

A minha Esposa, sim. Sabe que os laços

Do sagrado consórcio a Inês me ligam.

Intentarias pois inda oprimi-la?...

D. AFONSO

Não julgues iludir-me, não te creio:

A tão sutil ardil em vão recorres.

Que! Esposa de meu filho uma vassala!...

D. PEDRO

Uma vassala, sim, para quem fora

Do Mundo todo o Império inda pequeno:

Não duvides, Senhor. Que encontras nela

Que indigna de teu filho julgar possas?

Eu não quero falar do Régio sangue,

Que, dos teus ascendentes derivado,

Lhe circula nas veias: outros dotes

Mais belos, mais sublimes a enobrecem:

Vassala, a quem os Céus pródigos deram

Todas as perfeições que os Céus dar podem,

Para ser do teu filho digna Esposa,

Ser filha de Monarcas não precisa.

Se Inês é virtuosa, que lhe falta?
Quem mais digna do trono que a Virtude!
Mas dos seus predicados prescindamos.
Castro é minha Consorte, tanto basta;
É Princesa, por tal a reconhece,
E o decoro lhe guarda de que é digna.

D. AFONSO

Sim, tratada será como merece...
Brevemente o verás.

D. PEDRO

Olha o que fazes...
Não queiras constranger-me inexorável
A perpetrar horríveis atentados:
Se como Pai benigno, e Rei clemente
Praticares comigo, hás de em mim sempre
Encontrar um Vassalo respeitoso,
E um filho obediente; mas se acaso
Insistes em roubar-me a cara Esposa,
Um mortal inimigo em mim contempla,
Que cego, furioso, e desesperado,
Sem atender senão aos seus transportes,
Será capaz de horrendos sacrilégios.
Evitando-os, atalha uma injustiça:
Revoga pois a bárbara sentença.

D. AFONSO

Sim, por outra mais justa, revogada (*descansa*)
ela vai ser. Espadanando
Há de ver teu coração da infame o sangue
As chamas apagar que te devoram.

D. PEDRO (*desesperado*)

Primeiro que o seu peito a ferir chegues,
Hão de ser-me as entranhas arrancadas:
Há de em rios correr todo o meu sangue

E o teu sangue também, se for preciso.

D. AFONSO

Oh Céus!... Tremo de horror!...

D. SANCHO

Senhor, que fazes?

Ousas contra teu Pai?

D. PEDRO

Ah! Que proferes?

Pai? Eu tenho inda Pai?...

(A D. Afonso, no mesmo frenético arrebatamento)

Não, não, tirano,

Tu meu Pai já não és: não sou teu filho...

Um cruel como tu... Porém que digo!...

Com quem falo?... Onde estou?... Quem me arrebata!

O inferno, as fúrias todas me espedaçam...

Quem fala não sou eu, trovejam elas...

Sacrílego!... que fiz!...

D. AFONSO

Céus, estais surdos!...

Onde os raios estão, que inda não chovem

Sobre um monstro, que tanto os desafia?

Vingança!... Maldições!...

D. PEDRO

Tudo mereço.

Ah! Se os Céus inda imóveis não fulminam,

É talvez que, assombrados de escutar-me,

A desprender os raios não se atrevem.

Debaixo de meus pés tremendo a terra,

Quer abrir-se, e não ousa devorar-me...

Até mesmo os abismos se horrorizam

De um monstro, que soltou tantas blasfêmias...

Oh terror!... Oh remorsos!... Crime horrendo!...

Mas sabe o Céu, Senhor, que, involuntárias,
Não teve o coração parte nas vozes,
Que por meus lábios despejou o Inferno...
O Inferno todo, que no peito encerro.
Não me julgues capaz... Porém que digo!...
Infeliz!... Desculpar-me intento ainda?...
Horror da Natureza, e de mim próprio,
Nem me atrevo, Senhor, a suplicar-te
O perdão... Não, eu dele não sou digno.
Do peso da existência me alivia;
Vinga da Natureza as leis sagradas,
O respeito devido à Majestade,
Que atropelai feroz: eterno exemplo
Tu debes dar em mim ao Mundo inteiro.
Salpicadas de sangue estas paredes,
Que ouviram minha voz blasfemadora,
Aos séculos vindouros apregoem
Meu lastimoso fim: ao vê-las tremam
As Gerações futuras de imitar-me.

(Prostra-se aos pés de Afonso)

Eis-me a teus pés prostrado: vibra o ferro;
Eis meu peito, retalha-o: não te lembres
Que foste já meu Pai... sou delinquente:
Lembra-te só que és Rei, castiga o crime.
Porém... ah! não flageles a virtude...
Se me debes punir como culpado,
Inês como inocente absolver debes.
Não me custa morrer; porém não posso,
Não posso consentir que Inês padeça...
Nem há de padecer em quanto eu viva.
Pretender separar-nos é debalde;
Até duvido que a morte possa tanto...

(Tornando em si)

Releva ao meu amor estes transportes...

(No tom mais poético)

Eu sou sensível... amo... e sou amado.

D. AFONSO

Todos os meus sentidos perturbados,
Cheio de ira, e de horror... Nem falar posso...
Afastem-me da vista esse rebelde.
Ao próximo Castelo conduzido,
Seja em prisão segura aferrolhado:
Sua guarda, D. Sancho, eu te confio;
Em quanto justo, inexorável,
Em Conselho de Estado não decido
Qual ser deva o castigo de seus crimes,
E o suplício da infame, que os motiva.
Treme do meu furor, malvado, treme:
Este dia talvez, dia horroroso!
Será na longa série das idades,
De eterno espanto a Portugal, e ao Mundo.

CENA VI

D. Pedro e D. Sancho.

D. PEDRO

Inda mais horroroso do que pensas
Certamente será, se não desistes
De tão cruéis desígnios. Que impiedade!
O suplício de Inês! Da minha Esposa!...
Como posso deixar de rebelar-me!
Como evitar um crime necessário,
Que o dever, e a ternura me prescrevem?...
Um crime disse?... Ah, não; longe os remorsos;
Defender uma Esposa não é crime;
Crime fora deixá-la ao desamparo.
Longe, máximas vãs, leis opressivas,
Que a tirania impôs sobre a ignorância,
Nada se deve aos Pais pela existência:
Os desvelos depois, seus benefícios
São os títulos só que lhes conferem
À nossa obediência um jus sagrado.

Meu coração revoca os seus direitos:
Arrependo-me só de arrepender-me
Pelos ter justamente sustentado.
Querias, Rei cruel, aferrolhar-me
Em segura prisão, para a teu salvo
Me poderes roubar a cara Esposa?...
Debalde o projetaste, não...

D. SANCHO

Deliras?...

Que intentos são os teus?... Resistir queres
Às ordens de teu Pai, que enfurecido...

CENA VII

D. Pedro, D. Sancho e D. Inês.

INÊS

Esposo, que fizeste?... Oh Céus, eu tremo!...
Da tua voz medonha horríveis ecos
Inda nestas abóbadas retumbam;
De furor sufocado, o rosto em fogo,
Afonso espavorido, a longos brados
Chama pelos atrozes Conselheiros:
Certamente, faltando-lhe ao respeito,
Lhe exacerbaste as iras. Que fizeste?

D. PEDRO

Menos inda talvez do que devia.
Não te importe o que fiz, faze o que digo.
As fúrias não receies do tirano;
Vai súbito buscar os tenros filhos,
E dispõe-te a seguir-me.

INÊS

Como!... Aonde?...

D. PEDRO

Deixamos estes sítios, onde imperam
A discórdia, a injustiça, a iniquidade.
Evitemos o extremo dos horrores:
Acompanha-me, Esposa, se não queres
Ver-me inda parricida.

D. SANCHO

Oh Céus!

INÊS

Que insânia?
Ah! Que dizes? Que intentas?

D. PEDRO

Defender-te,
E possuir-te em paz; poupar-me ao crime.
A tua vida, Inês, ameaçar ousam;
Afonso pretendia encarcerar-me,
Talvez para ordenar o teu suplício:
Atreveu-se a dizer-me: é necessário
Fugir-lhe; ou repelir com braço armado
Seus bárbaros desígnios: eia, vamos,
Não te demores mais.

INÊS

Eu desfaleço!...
Desgraçada!... Onde queres conduzir-me?

D. PEDRO

Se necessário for, ao fim do Mundo:
A meu lado segura, em qualquer parte
Seremos venturosos; ermas grutas,
Morada simples de prazeres puros,
Mais gratas nos serão que áureos Palácios,
Habitação fatal dos males todos.

INÊS

Que me propões, Senhor! A voz me falta...

D. SANCHO

Ah, Príncipe! Contempla o precipício
Em que vás despenhar-te, e a que me arrastas.
Responsável por ti...

D. PEDRO

A nada atendo.
(Para D. Sancho)
Podes tombem, querendo, acompanhar-nos.
Sim, eu te rogo, vem... De cãs coberto
Tens conhecido assaz o ar pestilento,
Que nas Cortes costuma respirar-se,
Hálito venenoso, que derramam
A traidora lisonja, a fraude, a intriga,
Que em torno aos Sólios quase sempre giram.
Longe de tanto horror, ah, vem ao menos
Gozar em paz o resto de teus dias.

D. SANCHO

Feliz eu, se ontem fosse o derradeiro!
Ah! Querias que próximo ao sepulcro
Fosse ao meu Rei traidor? Que concorresse
Para um tal desatino?... Eu, que incumbido
Da tua educação (funesto emprego)
Por ele mesmo fui, sócio seria
Em teus crimes, sofrendo que infringisses
Teu dever!...

D. PEDRO

Qual dever? Fúteis quimeras!
O primeiro dever é ser ditoso,
É seguir d'alma o natural instinto.
Vamos, querida Inês.

INÊS

Oh Deus! Que trance!
Frenético... ai de mim!... Que premeditas?
Teu nome, tua glória ofuscar queres?
Seria a triste Inês tão desgraçada,
Que, origem de teus crimes, tolerasse
A infâmia de te ver por seu respeito
A Pátria abandonar, e o trono excelso?...
Ah, que diria o Mundo...

D. PEDRO

Que diria?
Que o esplendor do Sólido não deslumbra
Uma alma como a minha. Eu nada perco
Em deixá-lo por ti, não, cara Esposa;
Vale mais ser feliz, que ser Monarca.

INÊS

E pode ser feliz quem atropela
Da sociedade as leis, do sangue as vozes?
Ah! Desiste, Senhor, de teus projetos;
Obedece ao teu Rei: jamais esperes,
Que eu aprove, ou consinta os teus delírios:
Nem te deixo partir, nem te acompanho...
Eu não quero roubar a um Pai seu Filho,
Nem tolher a ventura aos Lusitanos,
Privando-os do melhor dos seus Monarcas.
Se os meus rogos...

D. PEDRO

Teus rogos são inúteis:
Que! Recusas, Inês, acompanhar-me?...
Ah, não vês nestes sítios horrorosos
Girar em torno a nós a morte, e os crimes!

INÊS

É para os evitar que eu te não sigo.

A honra, a glória valem mais que a vida.
Entre os crimes, e a morte, a morte escolho.
Mas ah! por que tão próxima a divisas?
Decretou-ma teu Pai? Nada me encubras:
Sabe ele já que em vínculo sagrado...

D. PEDRO

Tudo lhe revelei: mas o tirano,
Fingindo não poder acreditar-me,
Orgulhoso, tenaz em seu capricho,
Ameaçou-me... que horror! com teu suplício;
E, para a seu sabor poder julgar-te,
Em segura prisão manda encerrar-me
No próximo Castelo. É pois forçoso...

INÊS

Obedecer-lhe, sim.

D. PEDRO

Obedecer-lhe?...

INÊS

Indispensável é, vai, caro Esposo;
Submisso aos Paternais Régios preceitos,
Eu te rogo, Senhor, à prisão corre.
Outro meio não tens para salvar-me;
Nem eu por outro meio a vida quero:
Outra vez te asseguro, eu não te sigo;
Jamais conseguirás...

D. PEDRO

Basta: não queres
Estes sítios deixar? Queres ver neles
Derramados por mim rios de sangue?...
De uma austera virtude entusiasmado
Ao parricídio, enfim, queres forçar-me?
Pois bem, a perpetrá-lo estou disposto.

Eu vou, sim, eu vou já...

INÊS

Cruel; detém-te:

Meus gemidos, meu pranto já não podem

Mover-te o coração, domar-te as fúrias?

Onde o império que Inês tinha em tua alma?

D. PEDRO

Não te canses, de balde são agora

Teus rogos, o teu pranto, os teus gemidos:

Este dia horroroso é consagrado

À desesperação, ao crime, à morte.

Inflamado em meu peito, só com sangue

Das fúrias o tição pode apagar-se.

Impedir ninguém pode, nem tu mesma,

Os golpes espantosos, que o meu braço

Vai já descarregar.

INÊS

Por mim começa:

Rasga-me o coração, da Esposa o sangue

Seja o primeiro sangue que derrames;

E se ele não bastar a saciar-te,

Aos sacrilégios todos te arremessa...

Que horror! Nem ousa em ti fitar meus olhos.

És tu? Não, tu não és o meu Esposo;

O meu Esposo detestava os crimes:

Eu amava um Consorte virtuoso;

Virtudes já não tens, já te não amo.

Vai, monstro sanguinário... Mas que disse?

Eu deixar de te amar? Não me acredites:

O terno coração desmente as vozes,

Que, a meu pesar, de ouvir-te horrorizada,

Sem tino proferi... Olha o meu pranto.

Abatida a teus pés, com eles me abraço...

Ou tu hás de ceder aos meus lamentos,

Ou ver-me aqui morrer, e aos pés calcar-me.
(*Prostra-se, e abraça-se com os pés de D. Pedro*)

D. PEDRO

Oh Céus!... Querida Esposa.
(*Enternecido, querendo levantar D. Inês*)

INÊS

Eu não te deixo,
Daqui me não levanto, sem primeiro
De tua alma banir as negras fúrias;
Sem que tu me prometas obediente
Ir súbito cumprir as Regias ordens.
Ah! se tu amas inda as minhas preces,
Não hás de resistir...

D. PEDRO

Nem já resisto.
(*Levanta D. Inês*)
Deixar de obedecer-te, ah, quem, quem pode!...
Para a prisão já parto. (*A Sancho*) Amigo, vamos.
(*Voltando-se para D. Inês e com a maior ternura*)
Poderás duvidar inda do império
Que em meu coração tens?

INÊS

Oh Deus! Conforto!
(*Voltando-se ternissimamente*)
Não me retalhes mais o peito aflito.
(*Afetando tranquilidade*)
À trêmula razão ceda a ternura;
Não te demores mais...

D. PEDRO

Mas tu...

INÊS

Sossega;

Nada temas por mim: o Céu me inspira

Os meios de abrandar de Afonso as iras.

Irei com os filhos a seus pés prostrar-me:

Ninguém resiste à voz da natureza:

Por mais duro que seja o seu caráter,

Se tem um coração, ao ver os Netos

Abraçados em mim, chorar comigo,

Não poderá deixar de comover-se,

De perdoar-me enfim; nada receies.

Adeus, Esposo, adeus.

(Muito a seu pesar precipitadamente se retira)

D. PEDRO

Céus! que suplício!

ATO IV

CENA I

Coelho e Pacheco.

COELHO

Vão decidir-se enfim nossos destinos:

Este o dia arriscado, em que a Fortuna

Segura mão nos dá, ou nos despenha:

Ou morre Inês de Castro, ou nos perdemos.

Resolutos a tudo, é necessário

Os perigos afrontar; deve um Valido,

No cume da grandeza vigilante,

Aos Adversários seus tramando a ruína,

Primeiro que o derrubem, derrubá-los;

O futuro prever, prever a intriga,

E destro em conhecê-la, e manejá-la,

A vida antes perder que o valimento.

Nosso plano até que tem produzido

O desejado efeito. Afonso irado,
O Príncipe em prisão, tudo parece
Prometer-nos um êxito ditoso.
Tens tu já prevenido, aliciado
Os poucos Conselheiros, que nos restam?
Constantes votarão de Inês a morte?

PACHECO

Apenas lhe propus, me asseguraram;
Dependentes de nós em grau mais baixo,
A um leve aceno autómatos flexíveis,
Ecos da nossa voz, a nosso grado
Amoldando-se a tudo, a tudo prestes,
Servir nossos caprichos tem por glória.
Entre todos D. Sancho unicamente
Velho estoico, singelo em demasia,
Que as honras, e os empregos menoscaba,
Poderá combater nossos desígnios;
Mas Álvaro Gonçalves, que se interessa
Igualmente que nós de Inês na morte,
Se incumbiu de sondá-lo, e persuadi-lo.

COELHO

Desnecessário é, que, encarregado
Da guarda de D. Pedro, ele não pode
Ao Conselho assistir. Nada mais resta
Do que azedar a cólera de Afonso,
Dar-lhe a beber na taça da Justiça
Adoçado veneno, que o perturbe,
E a voz da compaixão d'alma lhe afaste.
Convém não perder tempo: aproveitemos
Propicia ocasião, que fugir pode:
Vamos...

PACHECO (*pensativo*)

Espera...

COELHO

Quê! tu desfaleces!

PACHECO

Confesso que algum tanto perturbado
O coração não sei que me anuncia...
Calculemos melhor sobre o futuro.
Inda mesmo supondo inevitável,
Suscitada por nós, de Castro a morte,
É de temer que o Príncipe ferido
Na parte mais sensível da sua alma,
Raivando inexorável, desesperado,
Sobre nós descarregue atroz vingança.
Quem poderá suster?...

COELHO

Tarde receias:

Nas bordas já do aberto precipício,
É preciso transpô-lo, ou cair nele:
Retroceder o passo não podemos.
Assaz já sabe o Príncipe quais sejam
As nossas intenções, nossos conselhos;
Seu ódio contra nós é já sobejo.
Que lucraremos pois, se ora cobardes
Da começada empresa desistirmos?...
Apressar nossa ruína, exacerbá-la?
Se foi razão bastante a conspirar-nos
Contra a vida de Inês, justo receio
De ver um dia alçada sobre o trono
A Irmã de nossos feros inimigos,
Que em nosso dano então fartar pudessem
A perpétua aversão que nos juraram;
Se a nossa ruína assim era infalível;
Quanto mais o será tendo atraído
Do Príncipe o rancor!... Prosseguir firmes
É somente o recurso que nos resta.
Morta Inês, com o tempo talvez possa

O Príncipe, esquecendo-a, sujeitar-se
Ao Consórcio, que Afonso lhe prescreve,
E, apagada a paixão, ver-nos sem ódio.
Ou vítima talvez d'amor infausto,
De saudades mirrado, não podendo
Sobreviver a Inês idolatrada,
De Inês à sepultura a dor o arraste.
Afonso há de entretanto defender-nos,
E se acaso abortarem finalmente
Nossos desígnios todos, então mesmo
Não me hei de arrepender de os ter forjado:
Antes quero morrer, inda o repito,
Do que ser por meus émulos calcado,
Contemplados Irmãos de uma Rainha.

PACHECO

Sentimentos iguais me fervem n'alma;
Eia, tudo se arrisque; prossigamos:
Descarregue-se o golpe derradeiro,
Inda que, errando-o, sobre nós desfeche.
Eu parto a congregar os Conselheiros,
Segurar inda mais todos os votos;
E tu no entanto ao Rei procura, e move;
Sua cólera atija; que eu não tardo,
Juntos os do Conselho, a vir chamá-lo.

COELHO

Bem: não poupes promessas, nem te esqueça
Desculpar ante o Rei sempre a D. Pedro,
Fazendo recair de seus arrojos
Sobre Inês tão somente a culpa toda.
Afonso para aqui dirige os passos...
Não percas tempo, vai.

CENA II

D. Afonso e Coelho.

(D. Afonso entra na cena pensativo)

D. AFONSO

Cruéis remorsos!

Horroroso castigo de meus crimes!...

Que torpel de aflições, que acerbos males

Vem funestar o resto de meus dias!...

Infeliz Pai!... Monarca desgraçado!

COELHO

Releva-me, Senhor, que ouse, pungido

Da dor, em que o meu Rei vejo abismado,

Recordar-te que deves mitigá-la.

Tua vida, Senhor, não é só tua.

Do teu Povo é também: ah não, não queiras

À força de aflições abreviar-lha.

Sei quanto custa a um Rei ouvir blasfêmias

De um filho, que feroz o não respeita:

Mas deves ponderar que um tal arrojo

Tão desculpável é, quanto é violenta

A funesta paixão, de que instigado

Teu filho, a teu pesar, o perpetrara;

Delito involuntário...

D. AFONSO

O seu delito

Não é só filho da paixão que o cega:

Força maior o arrasta aos sacrilégios:

Mais que o seu ímpio arrojo, o que me aflige,

É ver que assaz mereço um tal castigo,

Das maldições celestes justo efeito.

Oh remorsos cruéis!... Era forçoso

Que um filho de tal Pai fosse rebelde.

Mais do que ele rebelde, filho ingrato

Eu fui, eu fui também... Ardendo em fúria

Atrevi-me, que horror! a tomar armas

Contra Diniz meu Pai; movi-lhe a guerra,

Sublevei-lhe os Vassalos, assolei-os;
Cavei-lhe assim feroz a sepultura;
Todas as leis calquei da Natureza,
A Natureza agora quer vingar-se.
De um Pai, que contra o Pai se revoltara,
És, sim, filho rebelde, és digno filho!
Mais me sofreu Diniz do que eu te sofro;
Mas tu há de igualar meus atentados,
Inda os há de exceder; talvez já tardas!
Nem vós podeis, ó Céus, jamais impunes
Sacrilégios deixar tão execrandos.
Dos Avós implacáveis vingadores
São, por justo castigo, quase sempre
Maus filhos os do Pai, que foi mau filho.
Diniz! Grande Diniz! Sombra iracunda!
Terrível sombra, que ante mim volteias!
Sobre a minha cabeça criminosa,
Por mão do ousado neto, descarrega
O já tardio, merecido golpe...
Ah! Sim... bem vejo... ameaçador me apontas
O tremendo futuro, que me espera...
Que flagelo! Que horror! Que mar de sangue!...
Tristes vassalos meus! Ah filho! Filho!
Suspende...

COELHO

Que delírio te arreбата?...
Teu grande coração sentir não deve
Remorsos, que aos malvados só competem:
Passadas, leves faltas não recordes;
Males não temas, que atalhar bem podes.

D. AFONSO

Por que não vens, ó morte, aliviar-me
Do peso da existência, e de meus crimes!

COELHO

Que seria de nós, se os Céus te ouvissem!
Em desordens submerso, dessolado,
Contigo Portugal acabaria.
Os clamores escuta do teu Povo,
Conserva-lhe o seu Rei; tão necessário
A teus tristes Vassalos jamais foste:
De mil calamidades ameaçados,
Só lhes pode valer tua justiça.

D. AFONSO

E como? De que modo evitar posso
Desordens, que a mim mesmo me soçobram?

COELHO

Do mal a causa extinta, o mal expira;
Extingue a causa pois de tantos males:
Em quanto existir Castro, que os fomenta,
Debalde intentarás dar-lhe o remédio.

D. AFONSO

Que dizes? Condenar Inês à morte?
Tão graves são seus crimes, que mereçam...

COELHO

Os seus crimes, Senhor... Ah! por desgraça,
Nunca o Mundo viu crimes que brotassem
Tão funestas, horríveis consequências:
Desnecessário julgo referi-las;
Tu bem as sabes, pois assaz te afligem.
Do Príncipe ardilosa sedutora,
Se teu filho é rebelde, se é blasfemo,
Quem, senão ela, o força aos sacrilégios!
Não vaciles, Senhor; o seu suplício
Chega a ser, mais que justo, indispensável.
Mas não basta o que eu digo a condená-la:
Tens melhores, mais sábios Conselheiros,

Que juntar já mandaste; ouve os seus votos:
Que se eles zelo igual ao que me inflama,
Por ti, pelo bem público, tiverem,
Hão de todos unanimes rogar-te
Que o suplício de Inês logo decretes;
Pintar-te com as mais negras, próprias cores
De Portugal a ruína, se o dilatas;
As dissensões cruéis, a horrível guerra,
Que a vingativa Espanha vai mover-nos,
E de que os teus Vassalos, fatigados
Das recentes batalhas, já murmuram,
A Viúva, que o Esposo perdeu nelas,
Não quer perder agora o caro filho,
Nem o filho, que em luto inda o Pai chora,
Desamparando a Mãe, expor-se à morte.
Finalmente, Senhor, tudo te brada
Que sacrifiques uma a tantas vidas;
Que deixes ao futuro eterno exemplo,
Para que ninguém mais seduzir ouse,
À imitação de Inês, corações Régios.

D. AFONSO

Se assim o exige o público sossego,
O Conselho decida o que for justo,
Que eu aflito não sei o que obrar deva.

COELHO (*avistando Inês ainda fora da Cena*)

Que vejo! Inês!... é muito! Inda se atreve
A vir aparecer-te?... Ah, melhor fora
Retirar-te, Senhor, sem dar-lhe ouvidos.

D. AFONSO

Vamos, sim... Porém não, devo escutá-la.

COELHO

Talvez os do Conselho já te esperem.

D. AFONSO

Vai tu juntar-te a eles, que eu não tardo.

CENA III

D. Afonso, Inês, Elvira e os meninos.

INÊS

Chegai, filhos, chegai, vinde prostrar-vos

Aos pés de vosso Avô; vinde beijar-lhe

Pela primeira vez a Mão Augusta.

(Prostra-se com os meninos aos pés de Afonso, e Elvira se retira)

Eis, ó Senhor, os filhos de teu filho,

Que vem com tristes lágrimas rogar-te,

Que desta triste Mãe te compadeças.

Chorai, chorai comigo, tristes filhos,

Intercedei por mim com vosso pranto,

Pranto mais expressivo do que as vozes,

Que a vossa tenra infância não permite:

Ajudai meus lamentos, minhas preces,

Impetrai meu perdão. Sim, Rei clemente,

Eis a Mãe desgraçada de teus Netos,

Que abraçada com eles te suplica,

Que a misérrima vida lhe conserve.

Sei que vai decretar-se o meu suplício!

Alvo da intriga, vítima da Inveja,

Temerosa, infeliz, desamparada,

A morte já diviso, a injusta morte,

Que raivosos, tiranos Conselheiros,

Iludindo a piedade de tua alma,

Fulminam contra mim... Que atrocidade!...

Por que enormes delitos sou punida?...

Amar, Senhor, teu filho, ser amada,

Crime acaso será digno de morte?

Imploro, ousa atestar tua justiça.

Ah! Consulta, Senhor, tua clemência,

Teu coração consulta, que ele mesmo
Te há de dizer, que a morte não mereço.

D. AFONSO

Levanta-te, infeliz...

(Enternecido)

Oh Natureza!

(Vai abraçar os netos, volta o rosto aflito e exclama)

Oh de um Monarca rígidos deveres!...

Levanta-te, infeliz.

(Levanta Inês)

Funesta origem

Das cruéis aflições que me consternam...

Ao ver-te me enfureço... e me comovo...

O Pai quer perdoar-te... o Rei não pode.

INÊS *(prostra-se outra vez aos pés de Afonso)*

Ah Senhor! Perdoar aos desgraçados

É dos Reis o poder mais doce, e augusto:

Sim, do teu coração segue os impulsos;

Triunfe a compaixão, e a natureza,

Não te hás de arrepender por ser piedoso;

Antes porém, se à morte me condenas,

Hão de eternos remorsos flagelar-te,

Incessantes angústias consumir-te:

De Portugal a glória, as esperanças

Vão sobre a minha campa espedaçar-se.

Verás por ti mandado à sepultura

Comigo, a teu pesar, descer teu filho.

Matando-me, Senhor, ah, vê que o matas!

Os nossos corações, unidos ambos,

Tão ligados estão, que o mesmo golpe

Que retalhar o meu, traspassa o dele;

Existir um sem outro não podemos...

Por ele, e não por mim te imploro a vida.

Sim, de rojo outra vez torno a abraçar-me

Com tuas Regias Plantas. Tem piedade

Da Esposa de teu filho. Ah, se não fossem
Estas doces prisões, que me constroem
A viver infeliz, e amar a vida,
Longe de instar por ela, sem queixar-me,
Tranquila recebera o fatal golpe...
Mas deixar para sempre o que mais amo!...
Sou Esposa, sou Mãe... Céus! Desfaleço!
(*Abraça os filhos com a maior ternura e aflição*)
Queridos filhos... Desgraçados órfãos!...
E que será de vós quando vos falte.
A mais terna das Mães, o Pai mais terno!...
Ah Senhor! Se inflexível ao meu pranto,
A minha situação te não comove,
Presta ouvidos à voz da Natureza:
Mova-te a compaixão o desamparo
Destas vítimas tenras, e inocentes:
Eles culpa não tem dos meus delitos.
Não te lumbres, Senhor, que são meus filhos;
Ah, não: lembra-te só, que são teus netos...
Mas tu choras? Que vejo! Os Céus me ouviram:
Tuas lágrimas vêm em meu socorro,
Elas o meu perdão já me anunciam.
Acaba de extinguir os meus temores,
Dize, dize, Senhor, que me perdoas.

D. AFONSO

Não posso resistir... Oh quem pudera
Neste instante deixar de ser Monarca!

CENA IV

D. Afonso, Inês, seus filhos e Coelho.

(Inês, apenas avista Coelho, levanta-se atemorizada)

COELHO

Por ti, Senhor, se espera: vem, não tardes;

Que já começa o Povo a amotinar-se.

INÊS

Oh Deus! Eu morro!

D. AFONSO

Inês, não desesperes.

Inflexível não sou: meu pranto o afirma;
Mas não posso faltar aos meus deveres;
Não sou senhor de mim, tenho Vassalos;
Perante eles, perante os Céus, e a Terra,
De tudo quanto obrar sou responsável;
Despótico não sou; mas sou piedoso.
Tens Afonso por ti, nele confia:
Ao Conselho de Estado vou eu mesmo
Tua Causa advogar. Céus, inspirai-me.

CENA V

Inês e seus filhos.

INÊS

Debalde sedutoras esperanças
Por mais tempo iludir-me já não podem.
O coração me augura que é chegado
De meus dias o termo desastroso.
Sim, próximos estais, queridos filhos,
A perder vossa Mãe... Vinde a meus braços...
Em breve... ai triste!... em breve hão de faltar-vos
Os maternais, terníssimos afagos...
Para sempre vos deixo... para sempre...
Cruel separação!... dor insofrível!...
Horrorosos momentos! Céus!... Nem posso;
Nem me atrevo... ai de mim! a ver meus filhos:
Quanto mais os contemplo, mais me aflijo...
De todo sinto já faltar-me o alento...
O coração rebenta... que ansiedade!

Ah! parece que a morte... ela já chega...
A descarnada mão... que horror! Espera
Suspende, ó Morte... deixa que primeiro...
Meus filhos onde estão?... Quero inda vê-los...
Cruéis, não me roubeis... Antes que morra,
Ao menos uma vez quero abraçá-los...
Quem se atreve a arrancá-los de meu peito?...
Ah bárbaros!... Meu sangue... Esposo? Esposo?...
Onde estás, que não vens em meu socorro!...
Mas em vão... Já é tarde... a sepultura...

CENA VI

Inês, seus filhos e Elvira.

ELVIRA

Que vejo, oh Deus!
(*Corre para Inês*)

INÊS

Abertos os abismos...
(*Delirante ainda*)

ELVIRA

Inês... (que mágoa!) Inês...

INÊS

Que!... Quem me chama?...
És tu, Constança, És tu, que vens ainda
Da habitação da morte perseguir-me?

ELVIRA

Torna, Senhora, em ti... Já não conheces,
Não vês a triste Elvira?...

INÊS

Quem!... Elvira...

És tu? Aonde estou?... Ah, que me queres?

ELVIRA

Mitigar tua dor, chamar-te à vida.
Os alentos recobra, as esperanças:
Serás inda feliz, verás em breve
Trocados em prazer os teus pesares.

INÊS

Prazeres para mim!... ah!...

ELVIRA

Quê! Não viste
As lágrimas do Rei, que o teu indulto
No enternecido aspeto prometia?

INÊS

Qual quimérico indulto!... Nada esperes:
Que importam suas lágrimas, que importa
Que perdoar-me queira, sé o rodeiam
Vis Cortezão, escândalo do trono,
Algozes da inocência, feros monstros,
Sedentos do meu sangue, que ardilosos
Seu coração benigno senhoreiam?
Elvira, a minha morte é infalível;
Pouco pode tardar: antes que chegue,
Toma, toma estes órfãos inocentes,
Conduze-os à prisão ao meu Esposo;
Entrega ao triste Pai os tristes filhos,
E dize-lhe que Inês... Mas ah, que faço?...
Retalhar quero do consorte o peito?
(Com a notícia fatal da minha morte
O mortífero golpe antecipar-lhe?...
Ah, não; bem basta que de dor expire.
Quando entrar nesta lúgubre morada,
Onde, chamando em vão a extinta Esposa,
Tristes ecos somente lhe respondão;

E tintas as paredes do meu sangue,
Lutuosos vestígios da consorte
A cada passo espavorido encontre.
Então, Elvira, então é que eu te rogo
Lhe digas...
(*Olhando atemorizada em volta da Cena*)
Ah, parece que ouço passos...
Serão talvez meus bárbaros verdugos...
Que cheios de furor, ardendo em raiva
Venham cevar-se no meu sangue?... Ai triste!...
Ei-los que chegam... Não me engano... Elvira!
Vamos na minha Câmara encerrar-nos:
Já melhor poderei recomendar-te
O que exijo de ti; sim, vamos, filhos,
Quero morrer ao menos junto ao leito,
Que tem sido até agora testemunha
De envenenados, rápidos prazeres,
Dos contínuos remorsos do meu crime,
Das minhas aflições, e do meu pranto.

ATO V

CENA I

D. AFONSO
Que aflição, que tumulto n'alma sinto!
Vacilante, confuso, atribulado,
Mal posso respirar. Céus! que tormento!
De um lado a compaixão, doutro a Justiça...
Formidável Justiça! Enfim venceste.
Satisfeito estarás, dever tirano...
O suplício de Inês... Oh Deus, e pude,
Tremendo, subscrever da sua morte
A rígida sentença!... Eu me horrorizo:

Dentro em meu coração queixosas sinto
Bradar a compaixão, e a natureza...
Que! surdo à sua voz, consentir devo,
Que à morte, a meu pesar, severamente
Seja a Mãe de meus Netos condenada?
E por que crimes? Por amar meu Filho?
Ah, não: é tempo ainda; revoguem os
A sentença cruel... Porém que faço?...
O público sossego, o bem do Estado,
O popular clamor, o exemplo, tudo,
Tudo enfim contra a triste me constrange,
E me estorva o prazer de perdoar-lhe,
Ah, dura condição! Pesado Cetro,
E haverá quem dos Reis inveje a sorte?
Tormentoso lugar, terrível Sólido,
Assento de aflições, e de amarguras;
Desgraçados aqueles que te ocupam!

CENA II

D. Afonso e D. Sancho.

D. SANCHO

Ah Senhor! Se teu filho inda te é caro,
Se não queres privar os Lusitanos
Do herdeiro Augusto de teu trono, e glória;
Não percas tempo, evita, remedeia
A desesperação que o assassina.
Eu conter já não posso os seus transportes,
Nem ver as aflições que o despedaçam:
Umás vezes convulso, delirante,
Cintilando furor, aceso em raiva,
Morde, intenta romper os duros ferros
Da prisão, que o retém; blasfema, e brama:
Consternado outras vezes, abatido,
Em profundo letargo, entre agonias,
Os olhos rasos d'água, o peito ansiado,

Sucumbe à sua dor, cai, desfalece.
Eis que súbito agora por mim chama:
"Vai, amigo, (me diz) corre apressado,
Saber da minha Esposa, e de meus filhos.
Certamente os perversos Conselheiros
Ousaram conspirar contra os seus dias:
Ah, procura meu Pai, por mim lhe fala;
Por mim de Inês o indulto lhe suplica;
O estado em que me vês lhe representa;
E se ele persistir inexorável,
Protesta-lhe por mim..." Ah! nem me atrevo
A referir-te...

D. AFONSO

Basta: não aumentes
A minha confusão: oh Deus!

D. SANCHE

Perdoa:
Tu silêncio me impões; mas eu não posso,
Não posso obedecer-te; o grande risco,
Em que os dias do Príncipe contemplo,
O amor que lhe consagro, não permitem
Que eu cesse de clamar-te que perdoes
À miseranda Inês, de cuja vida
A vida de teu filho está pendente.
Inês já agora é de D. Pedro Esposa...
É até digna de o ser. Não acredites
Danados corações; que seus contrários,
De inveja, de ambição, de rancor cheios,
Intentam denegrir o seu caráter.
Vê, meu Rei, que te iludem: crer-mo deves
Por meus lábios falou sempre a verdade.
Inês uma alma tem singela, e nobre,
Sensível de sobeja, a amar propensa;
Não pôde resistir a amar teu filho:
Seu delito é só este, não tem outros;

Doutros não é capaz, e um tal delito,
Quando tantas virtudes o acompanham,
É digno de perdão, é desculpável.

(Prostra se aos pés de D. Afonso)

Perdoa-lhe, meu Rei, não diga o Mundo,
Que inflexível, severo em demasia,
Nem de teu filho à Esposa perdoaste.

D. AFONSO *(depois de pensar um pouco)*

Não, não há de dizer.

(Chamando para dentro da Cena)

Oh lá, D. Nuno!

(Consigo mesmo)

Deixar eu de ser Pai por ser Monarca?...

Ah! Não.

CENA III

D. Afonso, D. Sancho e D. Nuno.

D. NUNO

Que determinas?

D. AFONSO

Apressado

Parte em busca de Inês; aqui ma envia;

E aos duros Conselheiros participa,

Que a sentença revogo; a Inês perdoo.

D. SANCHO

Graças, benigno Rei!...

D. NUNO *(partindo)*

Oh feliz Castro!

Já próxima ao sepulcro à vida tornas.

CENA IV

D. Afonso e D. Sancho.

D. SANCHO

Que escuto! à morte já sentenciada!...

D. AFONSO

Longe de nós lembrança tão funesta.

O Príncipe vai pôr em liberdade:

Que me venha abraçar; Inês é sua.

D. SANCHO

Que júbilo!

(Prostra-se e beija a mão do Rei)

Ah Senhor! Deixa que eu banhe

Tua mão generosa com meu pranto,

Suave pranto, que o prazer me arranca.

(Levanta-se)

Eu vou... Sim; a alegria asas me empresta:

Vou levar a D. Pedro a feliz nova,

Restituir-lhe vou a paz, e a vida.

CENA V

D. AFONSO

Oh mil vezes feliz todo o que pode

Venturosos fazer os desgraçados!...

Desafogado o coração já sinto...

Um Rei somente é Rei quando perdoa.

Minha alma de antemão já saboreia

O júbilo de Inês, e de meu filho,

De um, e de outro os abraços, os transportes,

A inocente alegria de meus netos...

Delícia dos mortais, oh Natureza!

Cedam às tuas leis as mais leis todas.

CENA VI

D. Afonso e o Embaixador.

EMBAIXADOR

Condoído, Senhor, da infeliz Castro,
Releva que eu me atreva a suplicar-te,
Que a decretada morte lhe perdoes:
Eu sei que a teu pesar foi condenada,
Satisfação que dás ao meu Monarca,
Quando ele certamente, persuadido
Da tua fidelíssima amizade,
Não quererá, Senhor, que lha confirmes
Com o sangue de Inês, que inda é seu sangue,
Atrevo-me em seu nome assegurar-to,
Rogando-te pratiques generoso,
A piedade que é própria da tua alma.

D. AFONSO

Muito folgo de ver teus sentimentos
Tão conformes aos meus; sim, eu espero,
Que o teu Rei me não culpe de piedoso,
A Inês já perdoei; fiz mais ainda;
Reconheci-a de meu filho Esposa.
Não me atrevo a romper o nó sagrado,
Em que Himeneu, e Amor os enlaçava,
Ignorado por mim, quando sincero
O Tratado firmei, que prometia
Com Beatriz de meu Filho os Desposórios,
Deves pois ao teu Rei fazer ciente,
Das razões poderosas que os estorvam;
E por mim segurar-lhe ao mesmo tempo
Constante, inalterável amizade.

EMBAIXADOR

Teu leal proceder, as razões todas
Que a decidir assim te constrangeram,

Lhe exporei fielmente, e não duvides
Que tal resolução lhe agrade, e a louve.

D. AFONSO

Ditou-ma o coração, e de abraçá-la
Não me hei de arrepender: nunca a piedade
Pode manchar as purpuras: se o Mundo
De Bruto inda com pasmo escuta o nome,
Mais saudoso de Tito o nome adora.
Porém que vejo!... oh Céus!... D. Nuno em pranto...

CENA VII

Os ditos e D. Nuno.

D. NUNO

Oh fereza!... Oh desgraça!...

D. AFONSO

Que acontece?...

D. NUNO

A dor, e o pranto as expressões me tolhem...
Cheguei tarde, Senhor... Inês...

D. AFONSO

É morta?...

D. NUNO

Brevemente o será.

EMBAIXADOR

Oh Deus!...

D. NUNO

Debalde
À mísera e mesquinha perdoaste:

De seu preclaro sangue sequiosos,
Os Ministros cruéis se anteciparam...

D. AFONSO

Oh detestáveis, sanguinários monstros!
E pudestes... acaba.

D. NUNO

Mensageiro

Da piedosa faustíssima notícia,
À Câmara de Inês veloz caminho;
Pouco distante já de seus lamentos
Parece, que as abóbadas gemiam:
Acelero inda mais ligeiros passos,
E ao tempo que os cruéis descarregavam
Sobre o peito de Inês os duros golpes,
Entro... (que horror!) perdão, perdão, exclamo:
À palavra *perdão* os ímpios tremem,
E até da mão os ferros lhes caíram:
Em vão porém; que o sangue já corria.
Serviram só meus gritos de que fosse
A ferida talvez menos profunda.
Então Coelho, e Pacheco, estátuas ambos,
Como espantados do seu crime horrendo,
Sem proferir palavra largo tempo,
Olhando um para o outro espavoridos,
Apenas afinal dizer poderão:
"Não há mais que um recurso; eia, fujaamos;"
E súbito os cruéis desaparecem.
Inês desfalecida, mal ouvira
Que tu lhe perdoaras, levantando
As mãos aos Céus, e os macerados olhos,
Mil vezes te bendiz, por ti mil vezes
Aos Céus envia fervorosas preces.
Cheia de gratidão, inda o seu rosto
Entre as sombras da morte parecia
Que ao proferir teu nome se alegrava;

Em quanto as tristes Damas, que a rodeiam,
O sangue de seu peito estancar buscam,
"Por último favor (lhes diz) imploro,
Que à presença de Afonso me conduzam;
Inda quero ir beijar-lhe a mão clemente,
E a seus pés expirar agradecida."
Com os filhinhos ao lado a malfadada,
Buscando-te, Senhor, para estes sítios
Já com trêmulos passos se encaminha.

D. AFONSO

Oh destino!... Oh fereza!... Infeliz Castro!...
Filho infeliz!... Mais infeliz do que ambos,
Atribulado Pai!... Todos os males,
As fúrias, as desgraças, e os remorsos
Desde o berço ao sepulcro me acompanham.
Nasci para flagelo dos humanos,
Para opróbrio nasci da natureza:
Portugal, dos seus Reis na clara história,
Chamará com razão ao quarto Afonso
Mau Irmão, Filho ingrato, e Pai tirano.
O culpado sou eu de Inês na morte,
Eu que, pelos perversos enganado,
Tarde o grito escutei da humanidade.
Ah! fuja, fuja destes sítios,
Que a ver a desgraçada não me atrevo...
Mas ai de mim!... As forças me abandonam:
Eis ela chega... Amigos, socorrei-me:
Afastai-me daqui...

CENA VIII

Os mesmos, Inês, os dois meninos seus filhos, Elvira e duas aias.

(As aias sustentam Inês, que vem ferida)

INÊS

Ah!... Não me fuja...

Não me fujas, Senhor... toma os teus Netos...
Para tos entregar, agonizante,
O Maternal amor aqui me arrasta...
Tristes órfãos, adeus... Adeus, meus filhos...
Nas tuas mãos, Senhor, os deposito...
Em teu bom coração abrigo encontrem...
Ampare-os seu Avô, já que a Mãe perdem...
Possam eles um dia, de ti dignos,
Dignos filhos do Pai mais virtuoso,
Com virtudes iguais, egrégios feitos,
Compensar-te o perdão, que me outorgaste...
E por última graça me concede,
Que inda antes de expirar meu Pai te chame.

D. AFONSO

Chama-me o teu algoz: não queiras dar-me
O doce nome que me não compete:
Bem quisera eu também chamar-te Filha..
Mas não me atrevo, não; a Natureza,
Se visse por meus lábios profanado
Nome tão deleitoso, estremecera...
Teu sangue está bradando; tu só deves
O cruel detestar, que te assassina;
Mas bem vingada estás; mais desgraçado
Mil vezes do que tu, mil mortes sofro.
Ah, poupa ao teu verdugo o horror de ver-te
Exalar d'alma os últimos arrancos...
Eu vou, sim, porque até minha presença
Deve ser a teus olhos odiosa.
(Vai a partir e, vendo que D. Nuno o quer acompanhar, volta-se, e diz)
Ninguém me siga, ah, não; deixem-me todos,
Fujam todos de mim; quero esconder-me
A todos os viventes, até que possa
Nos abismos sumir-me para sempre.
(Parte arrebatadamente)

CENA IX

Os mesmos, exceto Afonso.

INÊS

Ah Senhor!... mas de balde; não me atende;
Inda mais este golpe!. Não me custam
As suas aflições menos que a morte...
Oh quantos desgraçados tenho feito!
O triste Pai, o Esposo... Ai! triste Esposo!...
E que será de ti!... Lembrança horrível!...
D. Nuno, Elvira, confortai-o todos,
À sua dor buscai dar lenitivo...
Ah, se eu pudesse ao menos vê-lo ainda...
Morrera satisfeita... Céus!... já sinto
A agonia da morte... Filhos... Filhos...
Quanto a sua presença me consterna!...
Ah, levem-nos daqui... mas para onde?...
Não; chegai, filhos meus... em vossos lábios
Quero entornar minha alma... Neles quero
Deixar a vosso Pai depositados
Meus últimos suspiros... Ah! são estes...
São estes... Que ansiedade! A luz me foge...
Adeus, Filhos... adeus, Esposo... Eu morro.
(*Cai e espira nos braços das Damas*)

EMBAIXADOR

Que doloroso trance!

CENA X.

Os mesmos, D. Pedro e D. Sancho.

D. PEDRO (*entra na cena cheio de alegria, sem ver o cadáver de Inês*)
Amada Esposa,
Inês, querida Inês, voa a meus braços,
Vem completa fazer minha alegria.

(Vendo chorar D. Nuno e o Embaixador, que estão defronte do cadáver de Inês)

Porém que!... Vós chorais! que infausto agouro.

(Olha para traz, dá com os olhos em Inês morta, quer correr a ela, recua espavorido e cai desfalecido nos braços de D. Sancho e do Embaixador)

D. SANCHO

Oh Príncipe infeliz!... Mortal angústia!

Afastai-lhe da vista a extinta Esposa.

(Elvira e as aias retiram da cena Inês, e os meninos, acompanhadas de D. Sancho)

D. PEDRO *(em delírio)*

A Esposa!... Onde está ela? Ide chamar-ma.

D. NUNO

Ah! Senhor!...

D. PEDRO

Não tardeis, ide chamar-ma.

Eu mesmo, eu mesmo vou... Inês, Esposa!

(Convulso, quer caminhar e não pode)

EMBAIXADOR

A extrema dor o priva dos sentidos.

D. NUNO

A tua Esposa... oh Deus!... já não existe.

D. PEDRO é morta? Injustos Céus! Clarão terrível!

(Olhando para o lugar onde vira Inês morta)

Ah! Sim, eu mesmo a vi... horrída imagem!...

E tornarão a abrir-se inda os meus olhos?

Vi morta a cara Esposa, e vivo ainda!

(Em ação de desembainhar a espada)

Espera, espera Inês, eu te acompanho,

Eu já te sigo, sim...

(D. Nuno e o Embaixador impedem que D. Pedro desembainhe, e este refletindo um pouco, diz)

Mas não, primeiro

É preciso vingar a sua morte.

Quem a matou?... Dizei... talvez... foi ele,

Esse tirano, que meu Pai se chama?

D. NUNO

Ah! não, Senhor, teu Pai lhe perdoava,

Mas Coelho, e Pacheco os ímpios foram,

Que...

D. PEDRO

Basta: nada mais.

(Na mesma furiosa desesperação)

Ímpios são todos,

E eu de todos o sangue beber quero.

Treme, bárbaro Rei; cruenta guerra

Eu protesto fazer-te: sim, eu juro

Pelo sangue de Inês, cujos vestígios

Bradando por vingança ali diviso,

Juro, cruel, do trono derrubar-te,

E em teu lugar, coroada alçar a ele

A Esposa que me roubas. A meu lado,

Mesmo depois de morta, a bela Castro

Será Rainha, reinará comigo:

Que importa que o seu corpo não respire,

Se a sua alma inda existe unida à minha!

Hão de todos beijar-lhe a mão já fria,

Tributar-lhe as devidas homenagens:

Do seu trono degraus por mim calcados

Os tiranos serão que a assassinaram:

Seus corações malvados, das entranhas

Eu mesmo hei de arrancar, hei de trincar-lhos.

Às minhas iras escapar não podem:

Inda que nos infernos vão sumir-se,

Lá mesmo, ardendo em raiva irei buscá-los.
Será tal meu furor, minha vingança,
Que o Mundo tremerá de ouvir meu nome:
Por toda a parte se hão de ouvir somente
Pranto, desolação, e horrores... tantos
Os estragos serão, as mortes tantas,
Que há de em sangue nadar Portugal todo:
Sangue o Douro, o Mondego, e sangue o Tejo
Hão de, em vez d'água, despejar aos mares;
E os próprios mares arrojaram bramindo
Ondas de sangue às mais longínquas praias.
Eu vou já começar a derramá-lo.
Oh fúrias! Oh vingança! Acompanhai-me,
Meus passos dirigi; guiai meu braço.
(Parte furioso arrebatadamente da Cena)

EMBAIXADOR

Ah Príncipe, suspende! Mas quem pode
Conter as fúrias, que lhe lutam n'alma!
(Segue a D. Pedro)

D. NUNO

Que espantoso tropel de horríveis males!...
Oh de cegas paixões funesto exemplo!...
Mísero Esposo!... Malfadada Castro!...
De quanta compaixão são dignos ambos!...
Muito se amavam, desgraçados foram,
Chore-os o Mundo, e de imitá-los trema.

(Finda a Tragédia quando não há coroação)

CENA X

D. Nuno e D. Sancho, impaciente.

D. NUNO

Onde corres?...

D. SANCHO

Oh Céus!

D. NUNO

Novos desastres

Acaso sobre nós envia o Fado?

D. SANCHO

O nosso Excelso Rei, o invito Afonso,
Com força de pesar sucumbe aos males,
E violenta paixão lhe arranca a vida.

D. NUNO

Em que montão de horrores nos abisma
O destino fatal!

D. SANCHO

Oh desventura!

O Príncipe me ordena que vos chame:
Vinde prestes, D. Nuno; ele turbado
Sente a falta de um Pai, da Esposa a perda. (*Parte*)

D. NUNO

Morreu enfim?... Morreu! No centro d'alma
Sofro as ânsias cruéis, a dor mais ímpia!

*ATO DA COROAÇÃO PARA SE REPRESENTAR NO FIM DA
TRAGÉDIA "NOVA CASTRO", DE JOÃO BATISTA GOMES*

A lembrança de que muitas pessoas desejam ver no fim daquela ótima Tragédia uma Coroação, fez com que se imprimisse esta, apesar da falta de unidade que há, o que forma um erro Dramático, que o seu Autor não desculpava se existisse.

Nota do Editor.

(Mutaçãõ)

Magnífica sala com dossel e cadeira de espaldar no meio do Teatro, em a qual está D. Inês assentada, e em lugar competente, e magnífico uma Coroa riquíssima.

(Saem D. Pedro, D. Sancho, D. Nuno, Elvira, os dois meninos, grandes, e guardas reais)

D. NUNO

Esta é a pompa, Senhor, que a brevidade
Me permitiu do tempo.

D. PEDRO

Que impiedade!
É possível, Inês, oh dura sorte!...
Quem vida me deu te desse a morte?!
A sacrílega mão, bárbara, e fera,
Que o teu sangue verteu no duro efeito
Não caiu com o ferro? Oh quem pudera
Soldar a pura neve de teu peito!...
Quem pudera animar-te a luz perdida,
Repartindo contigo a minha vida?!
Quais serão os castigos acertados
Que excogite a lembrança desta cena
Contra estes desumanos inimigos,
Sem lei, sem compaixão, e sem respeito?
Farei abrir com golpes mui profundos,
As espáduas a um, a outro o peito;
E a seus mesmos olhos moribundos,
Que viram este Sangue, desejara
Mostrar os corações, que os animara
A tão cruel, e áspera fereza,
Como abortos cruéis da natureza
Para monstros indômitos gerados:
Choro, meu bem, a tua adversidade,

E vivo para minha saudade!...

D. SANCHO

Aqui te outorgo a Coroa...

D. PEDRO

De outra sorte

Coroar-te intentei, fiel Consorte;

Mas prefiro à glória a tirania!...

E vós, meus caros, meus fiéis Vassalos,

Reverentes beijai esta mão fria,

Que beijar deveríeis noutro estado,

Se tão ímpio não fosse o nosso fado.

D. SANCHO

O primeiro sou eu, que esta mão bela

Reconheço da minha Soberana,

Com o respeito que devo a vós, e a ela. (*Beija-lha*)

D. NUNO

Com minha gratidão, e o meu respeito,

Qual Vassalo fiel, cumpro o preceito. *O mesmo.*

(*Os grandes beijam-lhe a mão ao som de música, e no fim diz*)

D. PEDRO

Esse Corpo gentil desanimado,

Mais na morte que em vida respeitado,

Depressa cobrir faze, Condestável.

(*D. Sancho corre as cortinas*)

A incumbência do enterro vos entrego:

Com majestoso fausto venerável

A levai a Alcobaça, e as estradas

De tochas estarão iluminadas;

E o mesmo esplendor fazer quisera

Se, como dezessete léguas são,

Dezessete mil fossem; pois venera

Tanto minha alma a essa cinza amada,

Que desejo exceder no majestoso
Aquela maravilha celebrada,
Que Artemísia erigiu a seu esposo.
E vós, que ainda apesar do esquecimento
Recomendais com pranto merecido
Os amores de Inês ao sentimento,
E seu nome ao respeito que é devido,
Com verso humilde aqui vos represento
O trágico infortúnio desabrido,
Que aconteceu à mísera mesquinha,
Que inda depois de morta foi Rainha.



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com